

2026

Redes de alimentação, economia e cuidados na Maré

Pequenas diferenças que
fazem toda a diferença

Realização:

redesmaré

NuCEC

Núcleo de Pesquisas
em Cultura e Economia



Ficha Técnica

Redes da Maré

Núcleo de Acompanhamento Institucional

Luna Arouca
Liliane Santos
Maíra Gabriel Anhorn

Coordenadoras do Eixo Direito à Saúde

Carolina Dias
Fernanda Andrade

Coordenadoras da Casa das Mulheres da Maré

Mariana Aleixo
Myllenne Fortunato

Pesquisadoras Redes da Maré

Alexandra Dias
Patrícia Ramalho
Katia Bezerra
Livia de Carvalho Romano
Cristiane Alves Maciel

Equipe de Monitoramento e Avaliação

Bianca Polotto Cambiaghi
Pâmela Vieira Matos
Juliana Leite da Silva
Victor Soares

Assessoria de Imprensa

Andrea Blum

Projeto gráfico

Thais Oliveira

NuCEC / UFRJ

Eugênia Motta
Federico Neiburg

Pesquisadores Fase 1

Ananda Viana
Brauner Cruz
Caio Barros
Carolina Grillo
Clara Policarpo
Daniela Petti
Daniel Hirata
Fernando Rabossi
Joyce Drumond
Renata Milanes
Ricardo Coelho
Rodrigo Ribeiro
Viviane Fernandes

Mobilizadoras

Viviane Linares (coordenação)
Alexandra Dias
Katia Bezerra
Sirlene Corrêa da Silva
Maria Clara Brumo

Pesquisadores Fase 2

Ananda Viana
Brauner Cruz
Bruno Guilhermano
Cristiane Maciel
Livia Romano
Maria Fernanda Aguiar
Thais Lopes

Apoio

CNPQ
FAPERJ

Sumário

1. Introdução	07
2. Objetivos e base conceitual	11
3. Metodologia	17
4. Territórios pesquisados	21
5. Resultados	29
5.1. Dinâmicas econômicas cotidianas	29
Arranjos de fontes de renda	29
Interdependência e isolamento	30
Auxílio Emergencial e Bolsa Família	31
Crédito e endividamento	33
Casas e negócios	37
Os negócios (a partir da pandemia)	40
5.2. Circuitos alimentares	43
Circuitos preferenciais e relacionalidade	43
Diferenças internas	45
Inscrições territoriais	46
Alimentação e saúde	47
5.3. Saúde e cuidados	49
Serviços públicos e privados de saúde	49
Doenças crônicas e deficiências	51
Arranjos de cuidados	52
6. Conclusões	54

1.

Introdução



Esta publicação apresenta os resultados do projeto conduzido pela Redes da Maré e o Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NuCEC/UFRJ) que teve como objetivo compreender as redes de alimentação, economia e cuidado no conjunto de favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. A investigação buscou mostrar como essas relações são vividas no cotidiano e como através delas é possível entender as dinâmicas granulares de produção de diferenças e de desigualdades sociais – elementos de grande valia para identificar populações vulneráveis e planificar políticas públicas mais assertivas.

A pesquisa foi iniciada em novembro de 2020, ainda no contexto da pandemia de COVID-19, quando ocorreu uma articulação dramática entre emergência sanitária e emergência econômica, particularmente intensa em territórios estruturalmente precarizados e vulneráveis como a Maré. O subsequente agravamento da insegurança alimentar, intensificado pela alta nos preços dos alimentos e da energia, motivou focalizar a pesquisa ainda mais nos vínculos entre as finanças domésticas e os circuitos alimentares.

A **Redes da Maré** é uma instituição da sociedade civil que tem como território de atuação o conjunto das 15 favelas da Maré, onde residem cerca de 124.832 mil pessoas (IBGE, 2022). O processo que gerou a criação da Redes da Maré começou em 1997, a partir da iniciativa de moradores e ex-moradores oriundos de algumas das favelas que formam a Maré e de outras partes da cidade do Rio de Janeiro. A maioria desse grupo fazia parte da população de menos de 0,5% que conseguiu ter acesso à universidade, e que também participava de movimentos sociais e comunitários organizados para lutar por determinados direitos básicos, como educação, saúde, cultura, saneamento, iluminação pública, segurança, dentre outros. A primeira iniciativa elaborada pelos fundadores da Redes da Maré foi o projeto de preparação para os exames de acesso à universidade, o Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré. Essa iniciativa tem alcançado, ao longo do tempo, resultados expressivos, já que mais de 1200 moradores da Maré conseguiram entrar para uma Universidade.

A Maré em números

124.832 mil

pessoas distribuídas em

15

favelas



A Maré é um território vivo, diverso e estratégico, com forte presença de redes comunitárias, econômicas e de cuidados.

Em 2007, acontece a formalização da instituição com a denominação de “Redes da Maré”, a partir do entendimento de que o exercício da cidadania dos moradores na cidade deve estar sustentado em um projeto abrangente e processual que valorize o papel social dos cidadãos, suas ações coletivas e que tenha, como pressuposto, o respeito às diferenças e à diversidade,

bem como a crítica às desigualdades sociais atualmente existentes no país e no Rio de Janeiro. Dessa forma, foi se construindo e fortalecendo a articulação de um leque de ações no qual diversas experiências positivas locais se entrelaçaram e se afirmaram, a partir da ideia central de que vivemos numa cidade onde todos devem ter o direito de acessar os recursos nela existentes, independentemente da região onde residam.

Nesses anos de funcionamento, a instituição tem atuado como um instrumento significativo para a superação de diversos signos das violências presentes nas favelas da Maré e, ainda, contribuído para a mobilização dos moradores e outros agentes para a construção de uma agenda estruturante no campo dos direitos e garantias.

Durante a pandemia de COVID-19, a região tornou-se uma referência nacional de mobilização comunitária em resposta à crise. A ausência de políticas públicas adequadas e a lentidão das ações governamentais expuseram a vulnerabilidade das favelas, agravada por fatores como: alta densidade populacional, precariedade da infraestrutura, informalidade no trabalho e insegurança alimentar. Nesse cenário, a Redes da Maré coordenou uma das maiores iniciativas comunitárias do país: a campanha Maré Diz Não ao Coronavírus¹, estruturada a partir de um arranjo territorial de solidariedade, cuidado e produção de conhecimento, envolvendo centenas de moradores e parceiros da sociedade civil, universidades e poder público (Redes da Maré, 2021). Ao mesmo tempo, a organização implementou, pela primeira vez, uma experiência ampliada de assistência direta às famílias, de caráter emergencial, distribuindo mais de 170 mil cestas básicas e refeições, em articulação com a Casa das Mulheres, o buffet Maré de Sabores e redes de abastecimento local.

O **Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia** (NuCEC), é um espaço de produção coletiva de conhecimento dedicado à compreensão da vida socioeconômica contemporânea. Está sediado no Museu Nacional e no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ao longo da sua trajetória, pesquisadores do NuCEC têm produzido conhecimento, entre outros assuntos, sobre as dinâmicas econômicas populares e sobre as relações entre os processos de produção da vida coletiva e das desigualdades sociais em periferias urbanas, favelas brasileiras e outras regiões da América Latina e do Caribe.

Este relatório está organizado da seguinte maneira. Logo após esta introdução, se apresentam os objetivos, a base conceitual do projeto, a metodologia e um panorama geral do território pesquisado. Os resultados principais são expostos depois em três seções: (1) dinâmicas econômicas cotidianas, (2) circuitos alimentares, e (3) saúde e cuidados. Nas conclusões, são sugeridas contribuições da pesquisa para a elaboração e implementação de ações de enfrentamento à insegurança alimentar na Maré.

1. A Campanha Maré Diz Não ao Coronavírus incluiu também ações nos eixos "Saúde e comunicação comunitária", com a produção de boletins epidemiológicos, monitoramento de casos e campanhas educativas em linguagem acessível e territorializada; "Proteção social e garantia de direitos", com atendimentos jurídicos, psicossociais e apoio a famílias em situação de extrema vulnerabilidade; e "Geração de renda e economia solidária", com apoio a empreendedores locais, costureiras, cozinheiras e prestadores de serviços, reforçando o papel das mulheres como agentes centrais do cuidado.

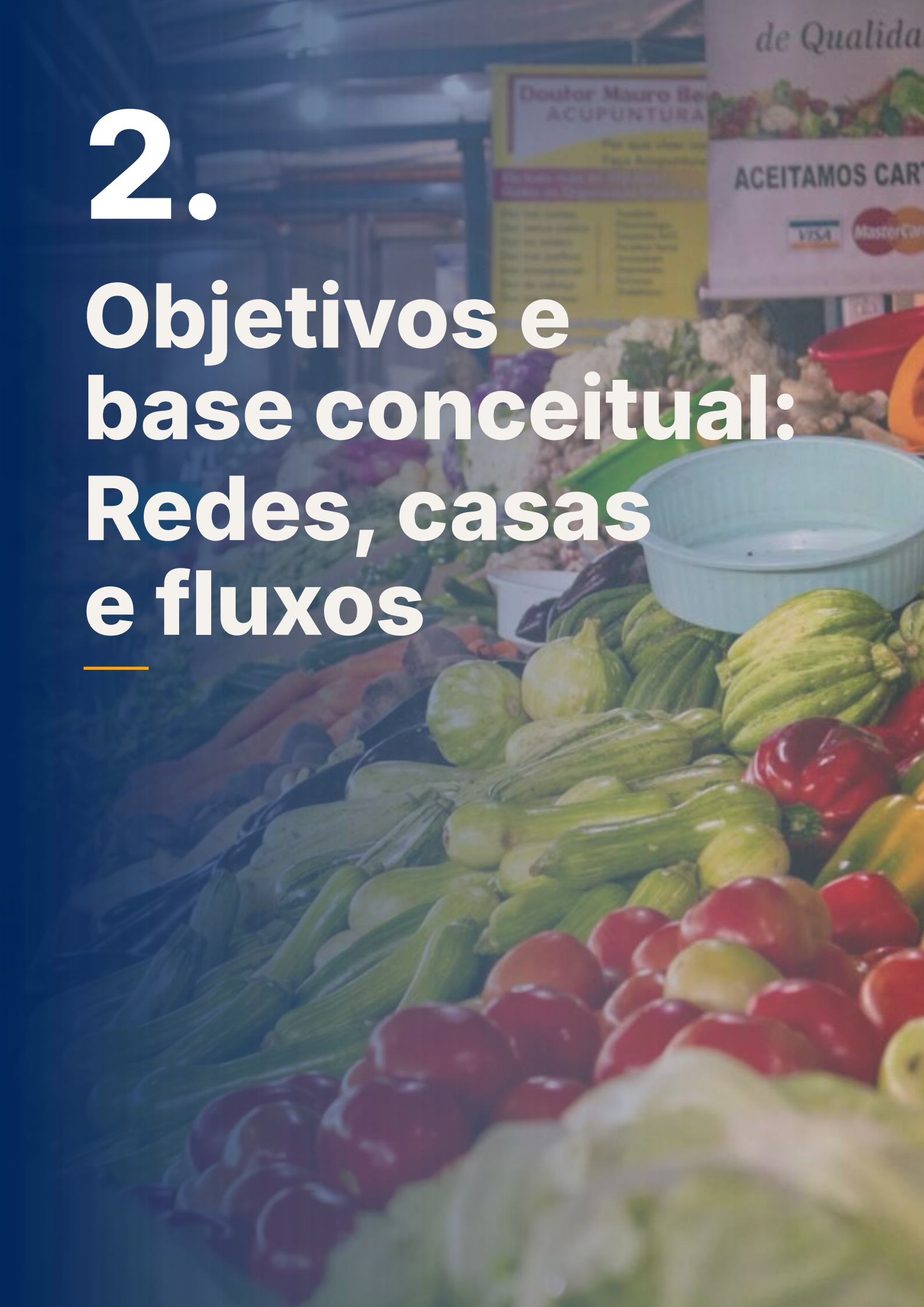
O texto demonstra o quanto a proposta metodológica desta pesquisa pode ser frutífera, ao combinar várias técnicas e estratégias de investigação: dados agregados que desenham tendências quantitativas interpretadas de maneira qualitativa; técnicas propriamente etnográficas, como a observação e a participação em conversas sem roteiros fixos; a descrição pelos próprios entrevistados das suas moradias e ruas, ou a produção de desenhos por pesquisadoras e entrevistadas dos fluxos de alimentos que circulam entre moradias. Assim, cada seção está construída com base em arranjos singulares de dados oriundos da combinação dessas distintas metodologias.²

Fruto da colaboração entre uma organização enraizada no território e a universidade pública, os resultados do projeto buscam enriquecer a formulação e implementação de políticas e ações no território, orientadas a mitigar o sofrimento e as desigualdades produzidas pelas dinâmicas sociais analisadas. O texto sugere também instrumentos conceituais e de análise que podem contribuir para interpretar (e agir sobre) processos semelhantes em outros territórios periféricos.

2. O projeto foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Edital Universal, 403698/2021-9, Projeto: *"Dinâmicas econômicas [pós] pandêmicas. Incertezas e produção de desigualdades"*) e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, Bolsa Cientista do Nosso Estado, E-26/201.044/2021, Projeto *"As emergências econômicas e o governo das incertezas"*).

2.

Objetivos e base conceitual: Redes, casas e fluxos



Ao contrário das visões que privilegiam indivíduos e domicílios de forma isolada, o foco aqui são as relações entre pessoas e casas. Ao analisar as práticas alimentares e as dinâmicas econômicas do cotidiano dos moradores da Maré, procura-se demonstrar como as desigualdades sociais se inscrevem nas vidas das pessoas e se articulam com o que chamamos de assimetrias relacionais.

Assim, a principal inovação desta pesquisa é considerar as casas não como pontos finais dos sistemas alimentares - onde os alimentos são apenas consumidos - mas como espaços relevantes em fluxos horizontais, ou seja, entre as próprias moradias. Para isso, mapeamos as formas de circulação de comida entre as casas (e do dinheiro destinado à produção dos alimentos) e as estratégias coletivas e territorializadas de abastecimento, distribuição e comercialização. Isso permite observar como as práticas alimentares estão inseridas e são constitutivas das dinâmicas econômicas de redes interrelacionadas de casas e de famílias.

Sabemos que nas favelas as casas são muito mais do que espaços de moradia. Elas constituem núcleos fundamentais da vida econômica e do ambiente alimentar. As **cozinhas domésticas**, em especial, **são espaços chave de mediação entre as finanças familiares, as culturas alimentares, o acesso a alimentos e as práticas cotidianas de cuidado**. Nelas, se expressam as dinâmicas do sistema alimentar local, da compra e armazenamento de alimentos até o preparo, compartilhamento e a comercialização das refeições.

De acordo com a definição adotada pelo Ministério da Saúde, o ambiente alimentar compreende “os espaços e contextos nos quais as pessoas se relacionam com o sistema alimentar, incluindo a disponibilidade, o acesso e o consumo de alimentos” (BRASIL, 2021). Nas favelas, esse ambiente é moldado por múltiplos fatores estruturais como renda, infraestrutura urbana, transporte, segurança e políticas públicas, mas também pela organização social e pelos saberes das mulheres que sustentam o cotidiano alimentar.

As casas são, portanto, o primeiro elo entre o indivíduo e o sistema alimentar. É nelas que se materializam escolhas e restrições, e onde se manifesta a insegurança alimentar vivida por grande parte da população de territórios populares. **O preparo de refeições nas residências representa não apenas um ato de sobrevivência biológica, mas também de resistência cultural e de afirmação de identidades.** Além disso, muitas dessas casas são também espaços produtivos, abrigando pequenos negócios familiares de alimentação, como cozinhas domésticas, marmitarias, confeitarias e pontos de venda de refeições, que compõem uma parte significativa da economia local, das economias domésticas e de abastecimento do território (REDES DA MARÉ, 2014; REDES DA MARÉ, 2021).

Assim, compreender o papel das casas é compreender o ambiente alimentar ampliado da favela, onde se cruzam dimensões materiais (infraestrutura e renda), simbólicas (saberes, práticas e memórias alimentares) e sociais (redes de solidariedade e trocas). **As políticas de segurança alimentar e de cuidado precisam reconhecer a centralidade da moradia e das mulheres como agentes do sistema alimentar urbano, pois são elas que asseguram, na prática, a alimentação cotidiana das famílias e comunidades.**

A intenção é transmitir, através de uma metodologia de inspiração etnográfica, com o máximo de fidelidade e de nuances possíveis, experiências humanas que são sempre complexas e multifacetadas. Trata-se também de compreender as dinâmicas de produção de desigualdades sociais em um universo que é fundamentalmente heterogêneo e, nesse sentido, diferente das visões homogeneizantes que tendem a se projetar nas periferias urbanas ou, mais especificamente, nas favelas.

O projeto se desenvolveu em uma atmosfera de crises superpostas (pandemia, isolamento social, aumento do custo de vida) que foi experienciada de forma heterogênea por nossos interlocutores. Isso nos obrigou a entender como se articulam temporalidades ao mesmo tempo disruptivas e recorrentes, vivências individuais e coletivas em várias escalas que agravam ou mitigam sofrimentos, impondo mudanças e viabilizando também oportunidades.

No tempo da pandemia, por exemplo, em um extremo a vida continuou sem grandes surpresas, apresentando mais um conjunto de dificuldades com as quais as pessoas e as famílias sempre tiveram que lidar, intensificando batalhas cotidianas segundo disposições cultivadas ao longo de crises anteriores. No outro extremo, a emergência sanitária e o aumento do custo de vida deixaram um rasto de morte e doença, de agravamento de enfermidades crônicas, produziram alterações nos regimes alimentares, impulsionaram mudanças residenciais, estimularam o desemprego e a precarização das vidas. Entre esses dois polos, navegaram as pessoas com as quais conversamos ao longo do projeto.

Mas por quê faz sentido olhar ainda para o que aconteceu durante a pandemia? As crises exacerbam desigualdades, tornando evidentes princípios de produção e manutenção de diferenças. Então, é como se a crise pandêmica concentrasse processos que de outra maneira seriam muito difíceis de observar tão claramente. Nas crises, as pessoas explicitam valores, estratégias e relações que em outras situações não explicitariam. Ademais, o material produzido é também um importante documento histórico e de memória coletiva sobre aquele período.

O aumento do preço dos alimentos continua a ter efeitos, a insegurança alimentar na Maré é um problema que atinge muitas famílias e que se intensificou durante e após a pandemia de COVID-19. De acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares, (IBGE, 2020), 36,7% dos domicílios brasileiros já apresentavam algum grau de insegurança alimentar antes da crise sanitária. Esse cenário se deteriorou entre 2020 e 2022, quando a inflação acumulada dos alimentos nos domicílios ultrapassou 25%, com destaque para itens básicos como arroz, feijão e óleo de soja, segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). De 2020 a 2024 a inflação acumulada no Brasil foi de 33,64% enquanto aquela específica dos alimentos foi de 55,87%.³ Levantamento da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (PENSSAN 2021) apontaram que mais de 33 milhões de brasileiros enfrentavam fome, revelando o impacto direto da carestia e da perda de renda sobre a alimentação.

Na Maré, esses efeitos se traduziram em estratégias como a redução do número de refeições diárias e o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados conforme identificado na publicação *Maré Diz Não ao Coronavírus* (REDES DA MARÉ, 2021). Essa realidade reforça a necessidade de políticas públicas de segurança alimentar e nutricional, bem como de formação profissional e inclusão produtiva, capazes de garantir o acesso digno e sustentável à alimentação.

Observando de perto, no entanto, revela-se um mundo muito diverso. **As formas diferenciais e desiguais de lidar com a crise produzida pelo contexto pandêmico e em seguida pelo aumento do custo de vida estiveram marcadas pelo que denominamos assimetrias relacionais, ou seja, pelo maior isolamento ou pela maior conectividade entre pessoas e moradias.** Essas assimetrias relacionais são o principal objeto das análises que apresentamos neste documento.

3. "Comer pesa cada vez mais no bolso: famílias mais pobres já gastam 22% da renda com alimentação", O Globo 22/02/2025. Disponível em: <https://www.google.com/url?q=https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2025/02/24/comer-pesa-cada-vez-mais-no-bolso-familias-mais-pobres-ja-gastam-22percent-da-renda-com-alimentacao.ghtml&sa=D&source=docs&ust=1774216402311446&usg=AOvVaw2rtg1422ALIdmbWXixVJ9K>

Há no Brasil um conjunto de desigualdades estruturais que cruzam as relações sociais em diversas escalas - pessoal, comunitária, na cidade - e esferas - habitacional, educacional, laboral. Essas desigualdades são raciais, de gênero e econômicas, se percebem na distribuição de recursos, dinheiro, tempo de lazer e cuidados, e se estendem até o direito à própria vida e ao acesso à saúde. Todas as evidências apontam para o fato de que brancos e negros, homens e mulheres, jovens e pessoas mais velhas, têm acesso diferente a serviços, bens e apreço social.

Na pesquisa, **colocamos em evidência assimetrias relacionais que se conjugam com as desigualdades estruturais gerando pequenas, porém significativas diferenças**, mesmo entre pessoas e grupos que ocupam posições semelhantes em termos sociais e econômicos mais amplos. Essas diferenças podem parecer pequenas de um ponto de vista afastado, segundo o qual a Maré seria um território homogêneo. De outro ponto de vista, aquele que propomos aqui, que acompanha a vida das pessoas de perto, essas diferenças fazem toda a diferença, já que conformam as possibilidades maiores ou menores de conseguir se virar durante um período de dificuldade ou de que as futuras gerações tenham vidas melhores.

Esses objetivos e pressupostos nos levam a ter como foco unidades e conceitos diferentes daqueles usados mais comumente nas pesquisas que supõem a existência de indivíduos e domicílios isolados, assim como a separação entre público e privado, e entre a economia e outras esferas da vida social. **O conceito central da nossa abordagem é o de casa.** Ela integra diversos aspectos: o material, como lugar de abrigo, e o relacional, como espaço de construção de vínculos de parentesco, amizades e afetos.

O conceito de casa como unidade central de análise no campo da segurança alimentar e nutricional permite compreender a alimentação não apenas no seu aspecto biológico, mas como expressão de vínculos sociais, afetivos e culturais. O ambiente alimentar doméstico é entendido como o espaço físico e simbólico no qual se expressam as escolhas, os hábitos e as restrições alimentares das famílias, refletindo condições socioeconômicas, acesso a alimentos, gênero, e papéis de cuidado. O ambiente alimentar doméstico constitui o elo mais imediato entre os indivíduos e o sistema alimentar, sendo determinado por fatores estruturais (como renda, preços e disponibilidade de alimentos) e também por dinâmicas familiares e culturais. O ambiente alimentar doméstico é o principal determinante do padrão alimentar das famílias de baixa renda, influenciado pela desigualdade de acesso e pela presença crescente de produtos ultraprocessados.

Nas favelas e periferias urbanas, como a Maré, a casa assume papel ampliado: além de ser espaço de moradia e sociabilidade, é também local de trabalho, produção e preparo de alimentos, articulação comunitária e cuidado coletivo. Essa dimensão reforça o papel da mulher como gestora do ambiente alimentar e como protagonista do cuidado no território. Assim, estudar o ambiente alimentar doméstico é também investigar as condições materiais e simbólicas que estruturam o cotidiano das famílias e definem sua relação com a comida, a saúde e o território.

Considerar a casa neste sentido significa dar importância às relações, especialmente às maneiras como as pessoas cuidam umas das outras, às solidariedades entre elas, assim como aos conflitos que as envolvem. Em termos conceituais, portanto, a casa, como categoria central, permite enxergar junto o que muitas vezes é visto de maneira separada, já que as relações estão atravessadas ao mesmo tempo por aspectos econômicos, emocionais e culturais.

Os vínculos entre as pessoas são feitos de sentimentos e moralidades, como amor e compaixão, respeito e solidariedade. Eles se expressam por meio de ações cotidianas como cuidar, proteger e acolher. Essas atividades, por sua vez, implicam que as pessoas se movam e façam mover coisas: objetos, comida, dinheiro. É por isso que tratar de relações reais significa observar aquilo que por meio delas se põe em movimento: circuitos e fluxos cotidianos moldados por práticas como as de cozinhar, cuidar e obter dinheiro que descrevemos ao longo deste texto.

O tamanho das moradias, o fato dela ser alugada ou própria, a disposição de cômodos e móveis, a presença de eletrodomésticos e a disponibilidade de água e eletricidade são aspectos materiais centrais que fazem parte das relações, apresentando restrições e possibilidades, além de estarem permanentemente em transformação – por exemplo, os coletivos e as famílias se mudam, como muda a disposição dos espaços nas moradias. Ter um congelador, uma air-fryer ou não ter uma mesa para estudar, por exemplo, são fatores que podem ser decisivos no cotidiano de uma família, fazer com que tenham que contar com solidariedade em outra casa ou, pelo contrário, receber pessoas quando há mais recursos.

Se por um lado percebemos que as moradias compõem coletivos relativamente autônomos, elas não são entidades fechadas nelas mesmas. **As casas estão sempre relacionadas a outras casas, formando redes de interdependência que chamamos de configurações de casas.** As configurações se revelam, por exemplo, quando analisamos como as pessoas vão comer na casa uma das outras, levam e trazem alimentos, ou quando fazem circular dinheiro por meio de ajudas e empréstimos. A produtividade do conceito de configuração de casas se mostra na observação dos locais onde as pessoas comem, para onde elas levam e de onde trazem comida, compondo verdadeiros fluxos e circuitos alimentares, de dinheiro e de cuidados. Esses fluxos acompanham as relações familiares, de amizade e de afetos, e resultam das configurações, ao mesmo tempo em que as moldam e as reforçam.

Tratamos dos arranjos e das combinações de renda nas casas e nas configurações de casas, e das diferentes maneiras como as pessoas compõem as formas como se alimentam e alimentam os outros: recebendo para comer em casa, comendo na casa de outras pessoas, fornecendo o seu vale refeição para a mãe dos filhos, ajudando nas compras. Chamamos atenção, desta maneira, para a variedade de possibilidades e de estratégias que servem para navegar um cotidiano de privações, mas alimentado por aspirações de melhora de vida para si e para gerações futuras. Assim, interpretamos as dinâmicas sociais a partir da maneira como as pessoas as vivenciam.

Mas as casas não se relacionam somente umas às outras. Elas se relacionam também com mercados de diversas escalas. **Na Maré há uma quantidade significativa de pequenos negócios dos próprios moradores que, além de gerarem renda para as casas, estão ligados às dinâmicas familiares, envolvem o trabalho de parentes e outras pessoas próximas.** No *Censo de Empreendimentos da Maré*, realizado em 2014, foram identificados 3.182 empreendimentos ativos, o que correspondia a um empreendimento para cada 44 moradores, revelando uma densidade econômica expressiva. As mulheres representavam 39,9% das pessoas à frente desses negócios, muitas vezes conciliando a geração de dinheiro com as responsabilidades domésticas e de cuidado. O estudo também apontou que 37,9% dos empreendimentos estavam ligados ao setor de alimentação e bebidas, evidenciando a centralidade da comida como eixo econômico, social e cultural do território (REDES DA MARÉ, 2014). Apesar de ainda não ter dados atualizados, tudo indica que esse panorama descrito há pouco mais de uma década é hoje ainda mais intenso. Além de bares, lanchonetes e restaurantes, há na Maré uma ampla rede

de produção de quentinhas, confeitarias e serviços de alimentação domiciliar, que funcionam majoritariamente em espaços residenciais e contam com a participação de parentes e vizinhos.

Esses negócios, em sua maioria, operam na informalidade e sem acesso a crédito, assistência técnica ou políticas públicas de fomento, ainda que empreguem prioritariamente pessoas da própria comunidade e cumpram um papel fundamental na dinamização econômica local. Tal cenário revela tanto o potencial empreendedor da Maré quanto os desafios estruturais para a inclusão produtiva e a formalização, especialmente entre as mulheres que sustentam e gerem essas atividades. Assim, compreender o ambiente alimentar da Maré implica reconhecer o papel das casas e dos pequenos negócios familiares como espaços de produção, sociabilidade e sobrevivência, onde se entrelaçam cuidado, geração de renda e alimentação.

Não são poucos os empreendimentos, como salões de beleza e lanchonetes, que funcionam sob o mesmo teto das moradias, ou nos quais se realizam atividades ligadas a eles. Em geral essas atividades são englobadas sob o rótulo de “economia informal”, mas quando se trata da economia real, tal como experienciada pelas próprias pessoas, esse termo mais esconde do que ajuda a entender.

Outros conceitos que servem de base a este texto são: ***dinâmicas econômicas cotidianas e circuitos alimentares horizontais***. No primeiro, interessa compreender como as pessoas ganham, guardam, dão, recebem, emprestam e pensam sobre o dinheiro, e como essas práticas se articulam com as relações de proximidade, com as condições materiais, com as suas memórias e os seus planos futuros. No segundo, interessam as maneiras como pessoas e alimentos circulam entre as casas para se alimentar ou para alimentar os outros, entre as várias formas de cuidar (também, de si e de outros). Na seção que segue descrevemos a metodologia do projeto.

3.

Metodologia



O projeto foi concebido e se desenvolveu combinando técnicas de pesquisas qualitativas e quantitativas. Exemplo das primeiras são a observação de atividades cotidianas das nossas interlocutoras, as conversas abertas, sem roteiro ou com roteiros semiestruturados. Também usamos exercícios de objetivação participativos, como os desenhos elaborados com as pessoas com as quais conversamos sobre os circuitos alimentares dos quais elas faziam parte nas suas próprias configurações de casas. Exemplo das segundas foi a produção, por meio de entrevistas estruturadas e a aplicação de questionários, de dados que pudessem ser agregados.

A pesquisa empírica teve duas fases. A primeira ocorreu de forma remota, durante o pior momento da pandemia de COVID-19 (entre novembro de 2020 e janeiro de 2022). A segunda ocorreu de maneira presencial, entre março de 2023 e abril de 2024. Além dessas condições mais gerais que diferenciam as duas fases, desenvolvemos metodologias distintas relativas aos temas diferentes que foram focalizados em cada uma delas: na primeira, as relações entre a vida familiar e as dinâmicas dos empreendimentos econômicos; na segunda, os vínculos entre os hábitos alimentares, os circuitos de comida e as formas de cuidado, com a gestão financeira das casas e das configurações de casas.

Na primeira fase do projeto, realizamos 137 entrevistas semi-estruturadas longitudinais, com média de 60 minutos de duração. A população alcançada foi de homens e mulheres adultos, moradores do conjunto de favelas da Maré, donos ou trabalhadores de pequenos negócios ou empreendimentos localizados no território. A seleção das pessoas e o primeiro contato com elas foi realizada por membros da equipe pertencentes à Redes da Maré. No contato se explicitaram as normas éticas que regem a pesquisa, relativas ao consentimento e anonimato dos entrevistados.

Assim, durante pouco mais de um ano, acompanhamos 51 famílias, entrevistando de uma a seis vezes cada interlocutor ou interlocutora. O roteiro das diferentes rodadas foi desenhado com duas partes, de tal maneira que pudéssemos acompanhar as vivências das famílias, eventos significativos relativos a doenças, rendas, moradia, negócios e empreendimentos, ao mesmo tempo que em cada rodada a entrevista focou em uma temática específica.

Rodadas da pesquisa

1ª Caracterização das casas, das famílias e dos negócios

2ª Detalhamento sobre os empreendimentos

3ª Descrição da casa e detalhamento da economia familiar

4ª Cuidado da saúde e da doença

5ª Preços, crédito e endividamento

6ª História da família e trajetória residencial

O fato de as conversas terem sido remotas - por meio de ligações por aplicativos de mensagens instantâneas (quase sempre WhatsApp) em horários previamente combinados - colocou desafios à pesquisa. Nosso esforço foi transformar em positivo aquilo que se apresentava de forma negativa: a impossibilidade de conversar face a face devido às restrições impostas pela pandemia, ainda antes da chegada das vacinas. Uma das vantagens foi a flexibilidade de horários. Várias conversas foram realizadas no fim do dia, quando as pessoas já tinham concluído as suas atividades cotidianas. Outras ocorreram quando as pessoas estavam em algum local de trabalho,

como uma oficina, salão de beleza ou lanchonete (que continuaram funcionando durante o período do chamado “isolamento social”), locais onde entrevistas presenciais teriam sido mais difíceis e perturbadoras das atividades cotidianas das pessoas. O formato permitiu também acessar assuntos que dificilmente poderiam ter sido observados da mesma maneira de forma presencial. Na rodada 3, por exemplo, solicitamos a nossas interlocutoras e interlocutores que descrevessem suas casas (e as vizinhanças), permitindo que falassem longamente da condição das suas moradias, da disposição e do uso dos espaços e cômodos, do acesso a infraestruturas, como gás, água, luz ou internet, como também sobre a presença de grupos armados e operações policiais.

As entrevistas foram todas gravadas e transcritas. Depois foram preparadas para tratamento e processadas no software QualCoder, por meio do qual trechos foram codificados a partir de temáticas recorrentes ou de interesses específicos do projeto. Os códigos utilizados foram os seguintes:

Códigos organizados por temas



CASA

- Comida
- Família
- Materialidade
- Isolamento
- Mobilidade



TEMPORALIDADES

- Passado
- Oportunidade
- Hoje/presente
- Futuros
- Incertezas



DINHEIRO

- Auxílios
- Dinheiro da casa
- Endividamento
- Preços
- Entradas
- Outros gastos



CUIDADOS

- Ajuda
- Sem escola
- Saúde
- Organizações



NEGÓCIOS

- Clientes
- Gestão
- Fornecedores
- História do negócio
- Local do negócio
- Tipologias
- Trabalho
- Adaptações



TERRITÓRIO

- Circulação
- Ambiente
- Segurança
- Tráfego



SAÚDE

- COVID-19
- Saúde mental
- Serviços
- Tratamentos
- Despesas médicas

A maior parte dos trechos de entrevistas que inserimos neste texto foi gerada através destes procedimentos, identificando e cruzando códigos a partir da leitura detalhada do material. Na segunda fase do projeto combinamos metodologias quantitativas e qualitativas. Aplicamos de forma presencial 152 questionários - entrevistas estruturadas domiciliares - e realizamos 10 entrevistas abertas, em profundidade. O questionário foi montado com a equipe de Monitoramento e Avaliação dos projetos da Redes da Maré e aplicado com a utilização de tablets, o que facilitou a criação de uma base de dados única (na plataforma Ona), contendo informações sobre o perfil das pessoas entrevistadas, a composição da casa e da rede familiar, a infraestrutura da moradia, a preparação dos alimentos, a frequência e a composição das refeições, as modalidades de obtenção de comida (como locais de compra ou recebimento de cestas básicas) e as formas de circulação dos alimentos entre as casas, incluindo também a venda de comida que compõe a renda de várias interlocutoras.

Nesta fase do projeto, nos concentramos em duas favelas da Maré diferenciadas do ponto de vista do perfil socioeconômico, demográfico e histórico: Nova Holanda e Salsa e Merengue. Os questionários foram aplicados em visitas às casas por duplas de pesquisadoras. Além da equipe da Redes da Maré, o projeto contou com a participação de moradoras bolsistas. O conhecimento territorial e a experiência prática dessas moradoras foram essenciais para viabilizar a realização das entrevistas, garantindo maior proximidade, confiança e acesso às pessoas participantes. A equipe se dirigia a uma das ruas escolhidas para realização do campo, na Nova Holanda ou no Salsa e Merengue, e procurava pessoas maiores de idade nas casas que se dispusessem a responder ao questionário. Da mesma forma que na primeira fase, as entrevistas foram realizadas respeitando os princípios éticos do consentimento das pessoas e o compromisso do anonimato.

Estando inserida no território, a pesquisa sofreu as consequências das ações violentas da polícia na Maré. Tivemos que suspender reuniões e visitas a campo por causa de operações policiais no território ou nas proximidades. Somente no ano de 2024, segundo o Boletim de Segurança Pública produzido pela Redes da Maré⁴, ocorreram 42 operações policiais, impactando direitos básicos como o acesso à saúde e educação. Adotamos um diálogo próximo com o eixo de Segurança Pública da Redes da Maré, que em dias de operações realiza plantões de atendimento à população para casos de violações de direitos, e monitoram o funcionamento dos serviços públicos. Desta forma era possível compreender quando era ou não possível estar em campo.

Ao longo do projeto, nos propusemos a desenvolver metodologias orientadas a captar fluxos (alimentares, financeiros e de cuidados), diferenças e desigualdades sociais, que pudessem ser replicadas em investigações futuras em outros contextos. Por último, sublinhamos o caráter coletivo e colaborativo da pesquisa. Desde os primeiros passos da idealização do projeto até a confecção deste texto trabalhamos de maneira concertada em equipes com pessoas da Redes da Maré e do NuCEC. A criatividade e sofisticação da metodologia desenvolvida e os robustos resultados alcançados são a mostra dessa colaboração que é muito mais do que a soma das capacidades de cada um - pessoas ou instituições.



4. <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/BoletimDireitoSegPublicaADPF25.pdf>.

4.

Territórios pesquisados



O Conjunto de Favelas da Maré é composto por 15 favelas, que juntas têm uma população de 124.832 habitantes (IBGE, 2022). A área está localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, entre as principais vias de acesso da cidade, Linha Vermelha, Avenida Brasil e Linha Amarela.

Segundo o último Censo Populacional da Maré, realizado em 2013 (Redes da Maré, 2019), 51,1% dos residentes são mulheres e 48,9% são homens. Entre as mulheres de 25 a 29 anos, 62,5% são mães, e 44,4% dos lares têm mulheres como responsáveis únicas ou principais. A população é predominantemente jovem, com 51,9% dos moradores com menos de 30 anos, sendo 24,5% crianças e adolescentes (0 a 14 anos), 27,4% jovens (15 a 29 anos), 40,7% adultos (30 a 59 anos) e 7,4% idosos (60 anos ou mais). Além disso, destaca-se que 62,1% dos habitantes se autodeclararam pretos ou pardos, revelando a expressiva presença da população negra no território.



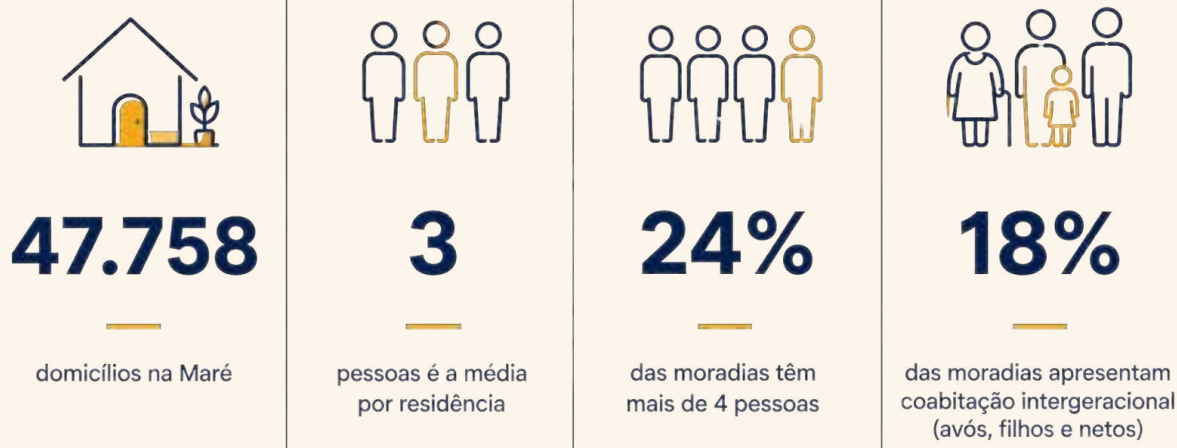
Apesar das diferenças de ênfase temática e metodológica não autorizarem um contraste sistemático entre os universos das duas fases do projeto, os dados gerais aqui apresentados fornecem um mapa significativo das características e das diferenças sociais que atravessam o território e, também, permitem situar convergências com o universo socioeconômico e demográfico retratado nos Censos populacional e de empreendimentos, publicados pela Redes da Maré em 2014 e 2019⁵.

A grande maioria das nossas interlocutoras foram mulheres: na fase 1, 66,6%; na fase 2, 85,5%. O fato das entrevistas na primeira fase terem sido remotas e focadas também nos empreendimentos explica a maior proporção relativa de homens do que na segunda fase, realizada de maneira presencial e mais centrada nas dinâmicas domésticas. Na fase 1, também por ter sido realizada de forma remota, decidimos não considerar explicitamente a variável raça/cor. Na fase 2, a proporção de interlocutores negros e pardos foi de quase 90%, superior à média do território, que é de 62,1%, segundo o Censo Maré (2019). Esse dado dialoga com o perfil demográfico da Nova Holanda, uma das favelas onde a pesquisa foi realizada, que concentra a maior proporção de pessoas autodeclaradas pretas e pardas na Maré: 68,6% (Redes da Maré, 2019). Do ponto de vista da idade, o universo foi bastante homogêneo, alcançando, sobretudo, indivíduos entre 30 e 59 anos.

5. Os dados sociodemográficos coletados no decorrer da pesquisa, embora não pretendam ser representativos estatisticamente, são coerentes com os do Censo populacional. Aparecem, sobretudo, por exemplo, em relação à distribuição da população por gêneros e faixas etárias e com relação ao local de origem (o que demonstra a forte presença de migrantes, especialmente do Nordeste do país). Pudemos comprovar também a continuidade de um traço marcado no Censo de Empreendimentos: a existência de vigorosos mercados de abastecimento e de trabalho no próprio território, ligados, é claro, às dinâmicas econômicas mais amplas da cidade do Rio de Janeiro.

Para os objetivos do projeto foi muito relevante considerar o número de pessoas e de gerações que convivem nas casas. A quantidade de moradias nas quais convivem mais de três pessoas e duas ou três gerações foi significativo, refletindo a densidade habitacional e a complexidade das dinâmicas familiares na Maré. De acordo com o Censo Populacional (REDES DA MARÉ, 2019), o território abriga 47.758 domicílios, o que representa uma média de três pessoas por residência, índice semelhante ao observado para o município do Rio de Janeiro. Entretanto, o levantamento mostra que, nas favelas da Maré, é comum que famílias extensas dividam o mesmo imóvel, com 24% das moradias abrigando mais de quatro pessoas e 18% apresentando coabitação intergeracional, isto é, com avós, filhos e netos vivendo sob o mesmo teto.

A Maré em números



Essas configurações familiares revelam o papel central das mulheres na sustentação doméstica e comunitária. Segundo o Censo Maré, 44,4% dos lares são chefiados por mulheres, mais da metade têm filhos menores de 18 anos sob sua responsabilidade (REDES DA MARÉ, 2019). Esses dados ajudam a compreender o quanto o espaço doméstico é simultaneamente lugar de moradia, trabalho e cuidado, sobretudo para as mulheres. O acúmulo de funções, cuidado com as crianças, os idosos e a casa, somado à instabilidade econômica e à ausência de políticas públicas de suporte, reforça a importância de iniciativas que promovam a inclusão produtiva, a segurança alimentar e o fortalecimento da autonomia feminina. Em muitos casos, as mulheres buscam no empreendedorismo doméstico, como pequenas produções alimentares, serviços de beleza ou revendas, uma alternativa para complementar a renda e assegurar o sustento familiar, revelando o potencial de transformação social e econômica das casas como núcleos produtivos e de cuidado.

Na primeira fase da pesquisa, por exemplo, em 61% das casas conviviam duas gerações, e em 11%, três gerações. Já na segunda fase identificamos que em 47,3% de moradias convivem duas gerações e 24,3% três gerações. Na fase 1, tivemos acesso a um universo pequeno, porém, analiticamente significativo de casas nas quais habita só uma pessoa (4 casas), na fase 2 esse número foi de 22 (14,47 % das pessoas que entrevistamos na fase 2 moram sozinhas). Comprovamos também que a maior parte das pessoas que moram sozinhas (81 %) possuem familiares nas proximidades das suas residências – mencionam pais, mães, filhos, netos, irmãs

e irmãos. Isso reforça o papel significativo dos fluxos entre as casas, que são foco da pesquisa – favorecendo a circulação de alimentos, cuidados e dinheiro entre as famílias (na fase 2 da pesquisa, do total de 153 entrevistados só dois afirmaram não possuírem familiares morando perto).

O número de pessoas e a quantidade de gerações que moram em cada casa envolvem dinâmicas econômicas, alimentares e de cuidado diferenciais, como ficará claro nas próximas seções. Mais ainda se, como veremos também, consideramos esse convívio como ultrapassando cada domicílio e envolvendo configurações de casas, sobretudo aquelas integradas por pessoas relativamente próximas, em muitos casos morando em residências contíguas.

Segundo dados do Censo de 2022, pessoas vindas do Nordeste são quase 1,5 milhão na população fluminense. Apesar do saldo migratório de nordestinos para a cidade do Rio de Janeiro ser negativo há pelo menos duas décadas, a concentração na Maré continua sendo bem mais expressiva: 25,8% dos moradores. Esse processo gerou uma rica combinação cultural. Acompanhando o histórico de forte migração nordestina, a população alcançada pela pesquisa teve uma proporção significativa de migrantes: 32% dos entrevistados nasceram em outros estados, (1,9% em outros países) e 64% na cidade do Rio de Janeiro, a maior parte no próprio Conjunto de favelas da Maré. Apenas 1,3% nasceu em outras regiões do estado. Outra informação relevante para obter um panorama das finanças domésticas é que a maior parte das interlocutoras declararam morar em casa própria: 71,2%, sendo que 26,7% disseram morar em casas alugadas e 2% em residências emprestadas.

Alguns dados gerais sobre os hábitos e circuitos alimentares são significativos. Só 22% das pessoas entrevistadas declararam fazer quatro refeições por dia, 12% só uma, 27% duas, e 39% três. Quase 15% das pessoas costumam se alimentar em outras casas, principalmente das suas mães ou filhas, mas também de irmãos ou sogras e nas casas de outros parentes e amigos. Por outro lado, 58% das pessoas entrevistadas disseram ter pessoas que moram em outras casas se alimentando com regularidade na sua residência. Estes fluxos que modulam as configurações de casas foram também desenhados graficamente junto com as próprias pessoas entrevistadas, proporcionando um material riquíssimo para a análise.

Assim, os dados produzidos oferecem um panorama ao mesmo tempo denso e nuançado das relações entre dinâmicas econômicas, circuitos e hábitos alimentares.

Nova Holanda e Salsa e Merengue

A favela Nova Holanda possui uma trajetória de formação distinta em relação a outras comunidades da Maré, iniciadas através de ocupações espontâneas. A comunidade foi planejada e construída no governo de Carlos Lacerda, na década de 1960, e ocupada inicialmente entre 1962 e 1971. O objetivo era abrigar moradores de outras favelas que seriam removidas de localidades das zonas Norte e Sul da cidade. Registros desses processos de remoção e realocação foram documentados no livro *Memória e Identidade dos Moradores de Nova Holanda (Redes da Maré, 2012)*, que mostra como o conjunto habitacional se consolidou pelos esforços em boa medida de migrantes nordestinos.

O território de Nova Holanda foi construído a partir de um aterramento, margeando a Baía de Guanabara e o bairro de Bonsucesso. O nome da comunidade era uma explícita homenagem

à Holanda, país construído abaixo do nível do mar através de aterros e diques (Varella et al., 2002, p. 39). A comunidade foi planejada em uma área plana e com ruas largas e paralelas. As primeiras habitações foram feitas em madeira, como unidades individuais simples ou com dois pavimentos. Ao longo do tempo, passaram a coexistir com edificações de alvenaria que progressivamente substituíram as iniciais.

Segundo os dados do último Censo Maré, a Nova Holanda possui cerca de 14 mil moradores, distribuídos em mais de 4.600 habitações, representando quase 10% da população mareense (Redes da Maré, 2019, p. 23). É a terceira comunidade mais populosa da Maré, atrás de Parque União e da Vila dos Pinheiros. Nova Holanda possui a maior concentração de pessoas autodeclaradas pretas na Maré: 18,5%, sendo 50,1% as autodeclaradas pardas (Redes da Maré, 2019, p. 27). Conforme o Censo de Empreendimentos (Redes da Maré, 2014), Nova Holanda abriga um dos maiores circuitos comerciais da região. Do ponto de vista etário e educacional, a favela também se destaca por apresentar uma proporção significativa de crianças e adolescentes. Cerca de 29,6% de sua população tem até 14 anos, o que a coloca entre as comunidades da Maré com maior concentração de estudantes, assim como no Salsa e Merengue.

Outro indicador relevante trazido pelo Censo Maré (2019) diz respeito à ocorrência de mortes por causas externas nos domicílios. Na Maré como um todo, a média desse tipo de ocorrência é de 0,9% dos lares. No entanto, na Nova Holanda, esse percentual alcança 1,8%, situando-se entre os mais elevados do território, ao lado de comunidades como Parque Maré, Conjunto Pinheiros e Vila dos Pinheiros. As chamadas "causas externas" referem-se a óbitos que não decorrem de doenças, mas de eventos como homicídios, acidentes, intervenções policiais, atropelamentos, quedas, afogamentos e outras formas de violência. Trata-se, portanto, de um indicador sensível da exposição da população a situações de risco, violência urbana e precariedade das condições de proteção social e territorial.

Entre os espaços de circulação e convivência mais significativos da Nova Holanda está a Feira da Teixeira. Reconhecida como uma das mais antigas da Maré, a feira constitui um polo fundamental de abastecimento alimentar e circulação econômica para os moradores. Para além de sua função comercial, ela se configura como um espaço de sociabilidade e manutenção de práticas culturais, operando como um território de encontros cotidianos. Ainda assim, no que tange à segurança alimentar, mesmo com a presença de feiras livres, ainda há múltiplas barreiras para o acesso regular a alimentos frescos e saudáveis. Esse cenário se intensificou durante a pandemia de COVID-19, na qual o conjunto das favelas da Maré registrou aumento expressivo da vulnerabilidade alimentar (Redes da Maré, 2021). A comunidade segue sendo caracterizada por fortes desigualdades, tanto sociais quanto territoriais, que repercutem na alimentação, na saúde e nas condições de trabalho de seus moradores, especialmente mulheres chefes de família.

A vida cultural da Nova Holanda se manifesta de forma plural e cotidiana. O funk, por sua vez, constitui uma das expressões culturais mais marcantes da favela, especialmente entre os jovens. Os bailes comunitários integram o cotidiano do território e funcionam simultaneamente como espaços de lazer, construção de sociabilidades e produção de discursos sobre a vida na favela.

É nesse contexto territorial mais amplo que se insere a Rua Otaviano Francisco, cuja observação demanda um olhar atento às camadas históricas que estruturam o espaço e na qual se concentrou boa parte do esforço de pesquisa da equipe. Durante o trabalho de campo, ao percorrer a rua e realizar entrevistas com os moradores, tornou-se evidente que as transformações do território

estão profundamente associadas às estratégias familiares de permanência e reprodução da vida. À medida que os filhos cresceram e novas gerações passaram a ocupar o mesmo lote, os moradores ampliaram suas casas com recursos próprios. As construções em alvenaria avançaram verticalmente, dando origem a residências com dois, três ou mais pavimentos, edificadas de acordo com as necessidades familiares e as possibilidades materiais de cada núcleo.

Atualmente, todas as casas da Rua Otaviano Francisco são de alvenaria. A rua, que há algumas décadas era de chão batido, encontra-se asfaltada, evidenciando transformações na infraestrutura urbana percebidas tanto na materialidade do espaço quanto nos relatos dos moradores mais antigos. Parte dos moradores passou a multiplicar seus imóveis por meio da construção de quitinetes, pequenas unidades destinadas à locação como estratégia de complementação de renda. Além da locação, observa-se a presença de comércios domésticos, sobretudo voltados à venda de alimentos, que desempenham papel central na economia cotidiana da rua e no atendimento às necessidades imediatas dos moradores.

Esse processo de adensamento populacional transformou significativamente a Rua Otaviano Francisco. No cotidiano observado durante a pesquisa, é recorrente a presença de crianças brincando nos espaços disponíveis da rua. A paisagem sonora, marcada pela música que ecoa das casas, expressa práticas culturais e formas de sociabilidade, embora também seja mencionada em algumas entrevistas como fonte de conflitos e tensões entre vizinhos.

O aumento do número de imóveis alugados e a circulação constante de novos moradores produziram alterações nas relações sociais locais. Muitos entrevistados relatam a diminuição da convivência próxima e do conhecimento mútuo entre vizinhos, contrastando com um passado em que havia menos residências e laços comunitários mais fortes. Ainda assim, a Rua Otaviano Francisco se apresenta como um espaço vivo e em permanente transformação, marcado por estratégias de sobrevivência, arranjos familiares complexos e modos específicos de habitar e compartilhar o território, elementos que se revelam de forma sensível ao longo da experiência etnográfica em campo.

Dinâmicas semelhantes, ainda que inscritas em uma história territorial diferente, podem ser observadas na outra rua pesquisada, a Rua Projetada G, na favela Salsa e Merengue. Chegar à essa rua é entrar em um território onde o passado e o presente convivem lado a lado, impressos nas fachadas das casas, nos corpos que circulam pela rua e nas histórias compartilhadas em conversas rápidas à porta. Para quem observa com atenção, a rua revela não apenas desafios, mas também afetos, resistências e modos próprios de construir a vida cotidiana.

Ao caminhar pela Projetada G, chama atenção o contraste entre as casas mais antigas e os prédios reformados, alguns com vários andares, que foram sendo erguidos ao longo do tempo. Pequenos comércios se espalham, oferecendo produtos diversos e atendendo às necessidades imediatas dos moradores. Esses estabelecimentos, muitas vezes instalados nas próprias casas, são também espaços de encontro e troca, onde se fortalecem vínculos e se compartilham informações sobre a vida na comunidade.

Salsa e Merengue foi concebida entre 1997 e 1999 como resposta emergencial do poder público para abrigar moradores atingidos por enchentes e deslizamentos, principalmente da região de Manguinhos, Bonsucesso e Complexo do Alemão, conforme indica o Guia de Ruas da Maré (Redes da Maré, 2014). Muitas dessas famílias possuíam também origem nordestina.

Formalmente denominada “Conjunto Novo Pinheiro”, a localidade foi construída pelo governo municipal e depois consolidada por mutirões comunitários. O nome atribuído pelos moradores refere à telenovela Salsa e Merengue, transmitida pela TV Globo no final da década de 1990.

O território está situado na região conhecida como Pinheiro, uma grande área aterrada pelo chamado “Projeto Rio”, iniciado em 1979 por órgãos federais de infraestrutura e habitação do governo militar. O projeto contemplou a remoção de casas em áreas alagadiças da Baixa do Sapateiro, do Parque Maré e do Morro do Timbau, possibilitando o aterramento de cerca de 2.300 hectares entre a Ilha do Fundão e a Avenida Brasil, anexando a Ilha do Pinheiro ao Complexo da Maré (Varella et al., 2002, p. 43). Assim surgiram, entre as décadas de 1970 e 1980, a Vila do Pinheiro, o Conjunto Pinheiro, a Vila do João e o Conjunto Esperança, territórios hoje adjacentes ao de Salsa e Merengue.

As casas coloridas entregues pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro naquele período ainda permanecem de pé. Hoje, com as cores desbotadas pelo tempo, elas carregam as marcas das transformações vividas pelas famílias que ali permaneceram. Algumas foram ampliadas, outras modificadas e adaptadas às novas necessidades. As antigas praças, que antes eram espaços de brincadeira e convivência para as crianças, deram lugar a novas construções, alterando o desenho do território e reduzindo as áreas de lazer. Apesar dos avanços conquistados, os desafios permanecem evidentes, como problemas de saneamento básico, esgotos a céu aberto e vazamentos nas calçadas. Ainda assim, a rua pulsa, crianças brincam, moradores conversam em frente às casas e pequenos gestos de solidariedade seguem sustentando a vida coletiva.

Segundo o Censo Maré (Redes da Maré, 2019), esta comunidade possui aproximadamente 6.800 moradores, distribuídos em mais de 2.163 domicílios, representando 4,9% da população mareense. No que se refere à autodeclaração racial, 33,2% da população do Salsa e Merengue se declara branca e 66%, negra. A população é majoritariamente adulta, com 38,3% dos moradores entre 30 e 59 anos, e 51% são mulheres.

Trata-se de uma comunidade com proporção expressiva de crianças e adolescentes, o que se reflete na dinâmica educacional. No Salsa e Merengue, 80,9% dos estudantes frequentam escolas localizadas no território, dado associado à ampliação da oferta educacional, especialmente após a implantação das unidades do Campus Educacional da Maré entre 2015 e 2016.⁶

A pesquisa de campo foi realizada nos lotes 1, 3, 5, 7 e 9 da Rua Projetada G. Da mesma forma que na Nova Holanda, em cada visita, dois pesquisadores estavam presentes: enquanto um conduzia a aplicação do questionário, o outro observava, registrava impressões e captava elementos da interação com as famílias. Os moradores se mostraram receptivos e interessados em contribuir com a pesquisa. Foram identificadas famílias em situação de insegurança alimentar, algumas já cadastradas no banco de dados da Redes da Maré, o que permitiu apoiar com estratégias imediatas, como a doação de cestas básicas.

A favela Salsa e Merengue abriga um conjunto significativo de iniciativas voltadas à educação e à defesa dos direitos humanos, que compõem o tecido político e simbólico do território. Destacam-se a Escola Municipal Vereadora Marielle Franco, a Casa Resistência Lésbica e a Cozinha Comunitária, que atua diretamente na insegurança alimentar por meio da distribuição

6. Em 2014, a Prefeitura do Rio de Janeiro instituiu o Programa Fábrica de Escolas do Amanhã Governador Leonel Brizola, com a meta de erguer 136 novas unidades escolares e modernizar outras 77 já existentes no município. No Conjunto da Maré, as escolas foram entregues à população no período de 2015 a 2016. No Salsa e Merengue foram 5 novas escolas e na Nova Holanda foram 8 novas escolas. Atualmente, a Maré conta com 49 escolas públicas.

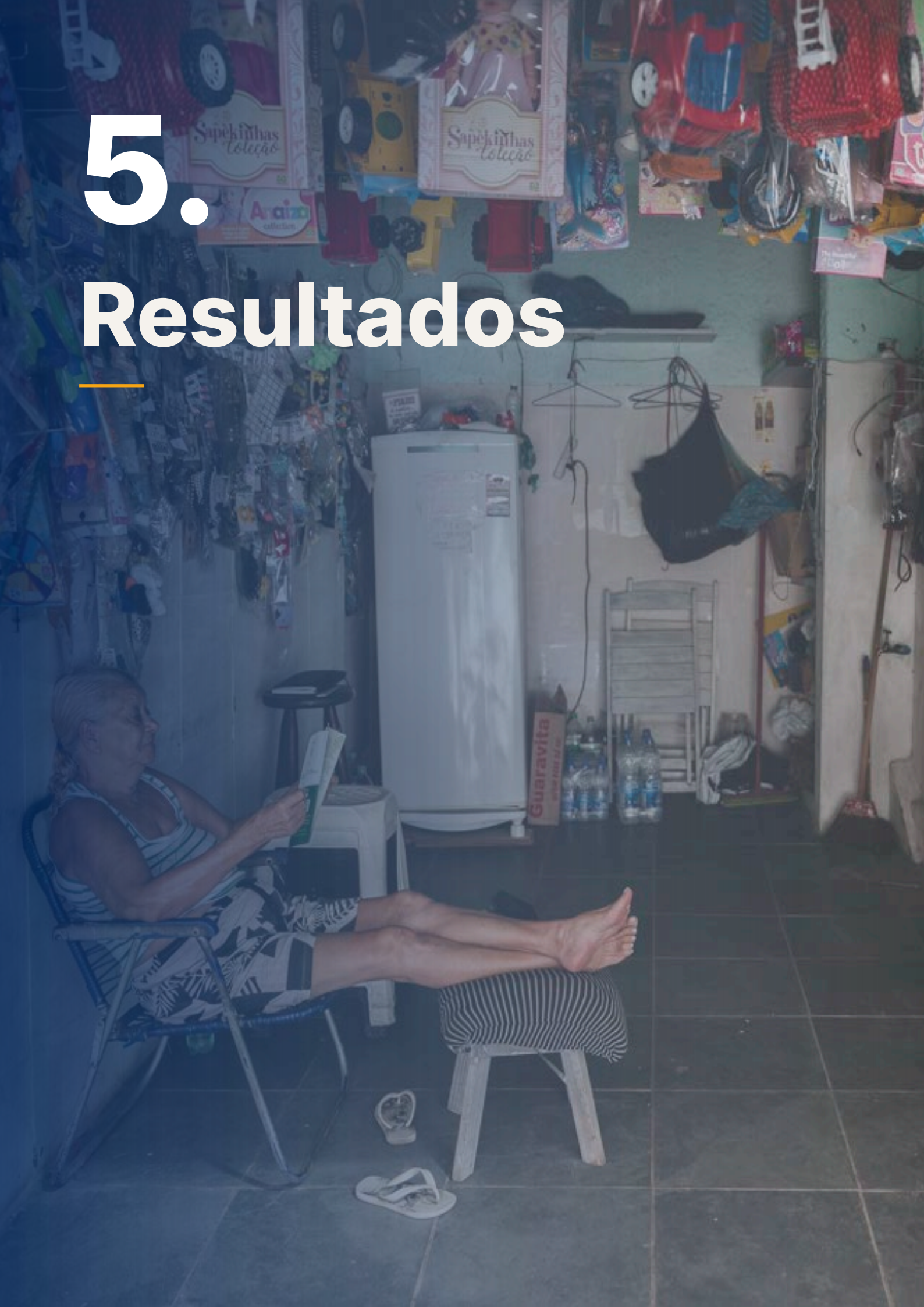
de refeições⁷. O território de Salsa e Merengue integra a complexa malha urbana e social da Maré e enfrenta desafios estruturais semelhantes aos de outras favelas: adensamento habitacional, limitações de acesso à infraestrutura urbana adequada, vulnerabilidades alimentares e condições de trabalho marcadas pela informalidade. Ainda assim, o território é marcado por estratégias coletivas de resistência, redes de solidariedade e iniciativas comunitárias que procuram enfrentar essas desigualdades.



7. A Casa Resistência Lésbica é a primeira organização a oferecer acolhimento específico para lesbianidades em um contexto de favela. Criada em 2017, é referência no acolhimento de lésbicas em situação de vulnerabilidade na Maré. A Cozinha Comunitária da Frente faz parte do Programa Prato Feito Carioca, da Prefeitura do Rio, para combater a insegurança alimentar.

5.

Resultados



5.1. Dinâmicas econômicas cotidianas

Os níveis de renda da população costumam ser usados como indicadores de bem estar social e definem os cortes estatísticos em que se baseiam os diagnósticos sobre a pobreza em determinado território. Em termos mais individualizados, eles servem para estabelecer públicos alvo de políticas públicas como o Bolsa Família. A quantidade de dinheiro que uma pessoa ou uma família conseguem ganhar determinam em grande parte o acesso, ou a sua restrição, à moradia adequada, à alimentação sadia, ao lazer e aos serviços de saúde. Isto pode ocorrer de maneira direta quando depende da disponibilidade do valor que se deve pagar por esses serviços, ou de forma indireta quando o preço que paga por aluguel, por exemplo, determina o local de moradia e, assim, o acesso (ou a falta dele) a saneamento básico.

Mas por outro lado, uma mesma quantidade de renda em arranjos coletivos diferentes pode gerar condições também muito diversas. **Nossa pesquisa mostra fatores que, combinados à quantidade de dinheiro que uma pessoa ou grupo de pessoas recebe, produzem situações de maior ou menor capacidade para lidar com dificuldades ou permitem melhorias de vida no presente ou no futuro.** Descrevemos a seguir algumas das principais dinâmicas econômicas que explicam a essas diferenças.

Arranjos de fontes de renda

Identificamos que as casas e as configurações de casas com maior resiliência, ou seja, com maior capacidade de se adaptarem a eventos mais ou menos críticos ou recorrentes, são aquelas em que existem combinações de fontes de renda diversas. **Quanto mais variadas as fontes de renda, mais resilientes são as casas e os arranjos formados por configurações de casas.**

A média de 2,91 moradores por domicílio, apurada no Censo Maré, está abaixo da média geral registrada em 2010, pelo IBGE, que foi de 3,11 moradores por domicílio, mas semelhante à média da cidade do Rio de Janeiro, de 2,92. (Redes da Maré, 2019).

As rendas, para além das quantidades de dinheiro, possuem características diferentes, com implicações também distintas na vida das pessoas. Um salário com carteira assinada tem a vantagem de ser pago no dia certo, em uma soma também já esperada. É, portanto, previsível na periodicidade e na quantidade, mesmo que os reajustes sejam raros e, quase sempre, pequenos. Além disso, há o perigo da demissão, que independe da vontade da pessoa empregada. Por outro lado, o dinheiro que vem de um negócio ou de um empreendimento é incerto. Pode-se ganhar pouco em um período e mais em outro. Ele depende de sazonalidades, de dinâmicas de mercado, do senso de oportunidade ou da dedicação de mais horas de trabalho. A autonomia dos negócios oferece também flexibilidade de horários que permitem combinações com outras atividades, como buscar mais fontes de renda ou dedicar tempo e energia ao cuidado de crianças, idosos e pessoas doentes ou com deficiências. Mesmo que essa flexibilidade muitas vezes seja menor do que a idealizada pelas pessoas, ela tende a ser maior do que a permitida pelos trabalhos assalariados com carteira assinada.

Então, aqui em casa mudaram muitas mais para mim, porque moro eu, minha mãe, meu padrasto, minha irmã que tem dezessete anos, eu tenho vinte e quatro, e meu irmão que tem oito. Para a minha mãe, não mudou muita coisa, porque o hotel onde ela trabalha não parou de funcionar durante a pandemia, ela trabalha normalmente, meu padrasto também, trabalha de porteiro na Fiocruz, ele também não parou de trabalhar. Quem foi mesmo afetada fui eu porque eu sou maquiadora. A partir do dia dezesseis de março, eu nunca vou esquecer essa data, que foi quando começou a quarentena, começou a fechar tudo, e aí toda a minha agenda foi cancelada. Todo mundo mandando mensagem, dizendo que os eventos não aconteceriam mais. Aí, eu fui a mais afetada aqui em casa, e minha mãe, o salário dela até baixou devido à pandemia, meu padrasto não, não mudou nada, mas eu fiquei sem trabalho nenhum. Fiquei em casa, e foi uma crise que mudou para gente, sabe?

(Moradora, 24 anos, dezembro de 2020)

Outras fontes de renda são particularmente importantes na economia das casas e das configurações de casas como as aposentadorias, por exemplo, dado o seu caráter também certo e o fato de que em muitos casos elas permitem também acesso ao crédito. Por outro lado, o Bolsa Família (BF), o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e outros programas de transferência de renda tendem a ser considerados como fontes de dinheiro mais ou menos estáveis, embora possam ser atravessados por incertezas pautadas por recadastramentos e reformulações. O caso do Auxílio Emergencial foi, nesse sentido, paradoxal: incerto desde o seu anúncio em 2020, tanto na quantidade de meses como nos valores a receber, injetou nas famílias volumes de dinheiro significativos, que contribuíram para navegar a crise produzida pela pandemia, da obtenção de comida ao pagamento de dívidas (o que viria a se complexificar ainda mais quando o Auxílio Emergencial se converteu também em uma via de acesso ao crédito).

Essas diferentes formas de obter dinheiro, com suas distintas características quanto à previsibilidade, quantidade e periodicidade produzem arranjos que são necessariamente coletivos: os membros das casas e das configurações de casas podem contribuir às dinâmicas domésticas dedicando tempo à casa e aos cuidados e, também, com diferentes rendas a partir de suas possibilidades, qualificação, aspirações ou iniciativas. Diante dessas diferenças, casas ou configurações de casas que são capazes de combinar distintas fontes de renda podem se beneficiar das vantagens de cada uma e, assim, mitigar, também, o sofrimento ocasionado por doenças, pelo desemprego ou pela falência de um pequeno negócio.

Podemos concluir, portanto, que **as pessoas produzem suas vidas através de arranjos coletivos de fontes de dinheiro diferentes, buscando maximizar as vantagens em cada tipo de rendimento. Desses arranjos depende a resiliência das casas e das configurações de casas diante das dificuldades disruptivas ou recorrentes.**

Interdependência e isolamento

Constatamos que a solidariedade entre pessoas e entre casas é um aspecto central nas maneiras de viver das famílias. Algumas pessoas com quem conversamos foram explícitas em afirmar que, não fosse o apoio ou a ajuda de parentes, amigos e vizinhos, não sabem como conseguiriam se virar. É comum que as pessoas expressem gratidão e, assim, nas trocas e na circulação de dinheiro e comida, por exemplo, a tendência é que sejam enfatizados os benefícios desses fluxos. Mas ouvimos também relatos sobre os altos custos de se ajudar uma pessoa ou conjunto de pessoas. Isso foi especialmente saliente em falas das mulheres que tratavam do aumento dos

encargos físicos, econômicos e emocionais de terem (ainda mais) pessoas que demandam ajuda. A necessidade ou a obrigação de assistir precisam ser enfatizadas, especialmente porque são expressão radical do cruzamento entre desigualdade de gênero e assimetrias relacionais. Embora homens também tenham relatado situações semelhantes, foi mais sobre as mulheres que recaíram as novas demandas surgidas com a interrupção das aulas, a falta de atendimento médico, a perda de empregos e a necessidade de administrar o dinheiro da casa para gerir a alimentação coletiva.

Eu tenho duas crianças, aí o fato delas ficarem em casa, sem estudar. Eu tenho uma de treze anos que eu não consigo colocar ela para estudar de jeito nenhum em casa, não teve acompanhamento do governo, de nada. [...] O pequenininho tem seis, vamos ver agora que ele vai começar na alfabetização. Porque eu estou muito preocupada em relação a eles. [...] nesse período, como eu estou trabalhando em casa, eu fico muito em casa mesmo com eles, trabalhando em casa. É trabalho em dobro.

(Moradora, 29 anos, dezembro de 2020)

Além disso, também é preciso chamar a atenção para as casas relativamente isoladas, ou seja, que não pertencem a uma rede de outras casas com que pode contar e que não contam com familiares ou conhecidos por perto. Os poucos, mas eloquentes, casos de isolamento relativo mostraram que essas são as pessoas que, no limite, enfrentam maiores dificuldades de se adaptar a momentos de crise. E é comum que o próprio isolamento tenha se produzido por crises familiares ou econômicas anteriores, a partir das quais as pessoas romperam com suas redes familiares ou tiveram que emigrar.

Esses dois aspectos, **o custo da interdependência e o possível isolamento, chamam atenção para assimetrias dentro dos arranjos relacionais** - quando uns ajudam mais do que outros - e entre arranjos, que podem ser muito extensos ou praticamente não existir.

Auxílio Emergencial e Bolsa Família

Na primeira fase da pesquisa, acompanhamos como moradores da Maré utilizaram o Auxílio Emergencial (AE), benefício criado pelo Governo Federal a partir de abril de 2020 para mitigar os impactos econômicos da pandemia de COVID-19. O programa teve como público-alvo cidadãos de baixa renda, beneficiários do Bolsa Família (BF), trabalhadores informais e pessoas cadastradas no CadÚnico. O pagamento teve início em abril de 2020, com parcelas de R\$1.200 destinadas a mães de família e de R\$600 para os demais beneficiários. Inicialmente previsto para três meses, o benefício foi prorrogado até setembro. Em outubro do mesmo ano, o governo estendeu o auxílio por mais quatro parcelas, mantendo os valores de R\$600 para mães de família e R\$300 para os demais. Em janeiro de 2021, houve nova prorrogação por quatro meses, com valores de R\$150 para pessoas solteiras, R\$250 para famílias e R\$375 para mães solo. O programa se manteve até outubro de 2021, quando foi substituído pelo Auxílio Brasil, que assumiu o papel de principal política de transferência de renda do país, posição retomada pelo Bolsa Família a partir de janeiro de 2023, no terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Essa história conturbada, incerta e espasmódica, marcou a maneira como as famílias na Maré lidaram com o período mais agudo da pandemia e com a intensificação do aumento dos preços dos alimentos e do gás de cozinha. Se, por um lado, havia incerteza sobre os valores e sobre a continuidade do AE, esse dinheiro foi fundamental em várias casas. Seu uso variou conforme as

necessidades mais prementes dos moradores, mas, também, segundo as demandas distintas das diferentes configurações de casas.

Assim, pessoas relataram ter usado o dinheiro para garantir comida para a família, medicamentos e outros bens e serviços essenciais à sustentação da vida. Mas isso se dava não apenas por meio da utilização dos valores nas casas de beneficiários, mas do compartilhamento com pessoas de outras casas, com relações próximas, muitas vezes parentes. A utilização do AE seguiu a lógica do compartilhamento nas configurações de casas, unidas por laços de solidariedade.

Mas nem sempre havia uso imediato do AE para despesas urgentes. O próprio caráter incerto do auxílio fez com que algumas famílias que tinham condição financeira um pouco melhor, tratassem os valores como rendas extras, guardando para compras futuras maiores, como móveis, motos e eletrodomésticos. De maneira semelhante, identificamos pessoas que usaram o dinheiro para investimentos em seus empreendimentos, esperando que ele rendesse mais no futuro. Houve casos em que a prioridade foi o pagamento de dívidas anteriores ou a possibilidade de assumir novas dívidas.

Para alimentação, todo para alimentação. Eu nem questionava nada, era direto pro mercado, eu tinha muito medo de faltar comida dentro de casa, porque não tinha de onde tirar dinheiro, então, o dinheiro era para alimentação.

(Moradora, 37 anos, janeiro de 2021).

Eu usei o auxílio para coisas necessárias, para prioridades, compras para dentro de casa, algum eletrodoméstico que eu realmente precisava, conserto de geladeira, essas coisas.

(Morador, 42 anos, janeiro de 2021).

Então por exemplo, o auxílio eu já abria minhas contas, já olhei no auxílio eu não posso mexer em nada porque é para pagar uma parte das minhas dívidas. E é a providência de Deus, porque se não fosse o auxílio eu estava, mas muito, muito enrolada. [...] Porque eu não costumo contar com dinheiro que eu não tenho, mas pela primeira vez eu contei que Deus ia fazer meu milagre que eu não sabia qual. E quanto mais encrencada eu fico mais a depressão, a ansiedade se manifesta.

(Moradora, 47 anos, março de 2021).

Sim, me inscrevi num curso de designer gráfico para melhorar meus designs. Na empresa, eu sei o básico do básico, e tem um menino que faz para mim. Só que eu estou cansada de ficar dependendo dele, aí eu me inscrevi no curso de designer gráfico no SENAC, eu vou fazer com o dinheiro do auxílio. Já fiz a minha inscrição, e são quatro parcelas, aí vou pagando com o auxílio. Inclusive, já caiu dua, eu deixei lá para o curso.

(Moradora, 24 anos, agosto de 2021).

Ainda não usei, mas vou fazer, eu vou fazer tipo uma obra aqui em casa, quero fazer uma divisão de drywall, peguei um orçamento e aí ficou 450 aí, eu vou fazer com duas parcelas do auxílio.

(Moradora, 24 anos, maio de 2021).

Com isso queremos chamar atenção para os usos reais das transferências de renda, imaginadas na política pública como destinados para a obtenção de itens básicos para a sobrevivência da família. No cotidiano, no entanto, esses dinheiros compõem estratégias variadas de gestão financeira, podendo ter usos bastante distintos. Como, durante a pandemia, entrevistamos pes-

soas que tinham negócios na Maré, pudemos entender como as políticas de transferências de renda impactam os mercados locais. A leitura que os donos de negócios faziam do possível aumento ou diminuição da demanda por seus produtos e serviços e, portanto, a decisão sobre possíveis investimentos e preços, passou pelas avaliações sobre a continuidade ou não do AE. Muitas interlocutoras relataram o aumento sensível da clientela quando o valor do auxílio foi incrementado, por exemplo. Alguns comerciantes também avaliaram a possibilidade de aumentar preços pelo mesmo motivo.

Eu não ganhei, mas fico feliz que tinha porque as pessoas compravam mais, as pessoas estavam mais na rua, gastando mais, a economia girava melhor. Agora com o fim do auxílio emergencial o movimento continuou, mas as pessoas estão mais retraídas, com medo de gastar sem ter.
(Morador, 54 anos, fevereiro de 2021).

Eu creio que [o movimento no salão em casa] não parou por conta do auxílio emergencial. O comércio se manteve tranquilamente aqui. Eu tive que parar no começo [...], fiquei na cama mesmo, eu não conseguia me levantar, mas o telefone não parava de tocar “não gente, mas eu não estou podendo”. Depois voltei a trabalhar de novo.
(Moradora, 29 anos, dezembro de 2020).

Essa visão sistêmica sobre as transferências de renda desloca a perspectiva mais usual da avaliação das políticas públicas, que se apoia em noções simplistas de necessidade, família e economia popular. A pesquisa mostra como, a partir das configurações de casas e da territorialidade econômica da Maré, é possível enxergar esses valores como parte de constelações complexas de diferentes dinheiros, cuja característica coletiva vai muito além da família nuclear e do domicílio tido como unidade econômica fechada. Demonstramos que os resultados não previstos das políticas ou os seus fracassos podem estar ligados a condições preexistentes que não dizem respeito às características mapeadas (ou mapeáveis) constantes nos planos e avaliações usuais.

Identificamos, também, uma quantidade significativa de pessoas que atendiam aos critérios para receberem o BF e não eram beneficiárias ou tinham direito a valores maiores do que os que vinham recebendo. Em geral, isso se dava por dificuldades relacionadas às infraestruturas e ao desenho burocrático dos Programas, que vêm sofrendo alterações que dificultam as condições de acesso, incluindo sucessivos recadastramentos. O fato de a equipe da pesquisa ter sido formada por profissionais da Redes da Maré que atuam atendendo e apoiando as famílias no acesso a direitos e políticas públicas, possibilitou um acompanhamento das pessoas e famílias que estavam com dificuldade de acesso aos programas, especialmente pessoas mais vulneráveis.

Segurança alimentar, crédito e endividamento

No período compreendido por esta pesquisa, no debate público se incorporaram dados substanciais sobre a proporção da renda familiar destinada a alimentos, tanto maior quanto mais descendemos na escala social. Também, e não menos importante, dados sobre o crescente endividamento das famílias para o provimento de alimentos, particularmente sensível no período de maior alta nos preços, entre 2021 e 2023.

O endividamento é uma realidade cotidiana na vida das pessoas, tanto mais as que habitam periferias urbanas ou regiões de favelas como a Maré. A dívida e o crédito são dois lados de uma mesma relação: uma pessoa ou entidade oferece a outra possibilidade de que um bem ou

Lista de compras

- arroz
- feijão
- óleo
- açúcar
- café
- leite
- ovos
- ~~carne moída~~
- ~~frango~~
- pão
- macarrão
- ~~tomate~~
- cebola
- alho
- batata
- ~~alfaca~~
- banana
- ~~maça~~
- laranja
- detergente
- sabão em pó



serviço não seja pago imediatamente, mas em um tempo que pode ser mais ou menos longo. Quando se trata de instituições financeiras, comércios ou agiotas, a cobrança de juros faz com que os valores totais pagos sejam mais altos. Essa explicitação é relevante porque é comum que crédito e dívida sejam vistos de maneira separada. Isso é visível especialmente no debate público quando os dados sobre as famílias endividadas no Brasil são tidos como motivo de preocupação, mas o oferecimento de crédito como algo positivo.

Percebemos na pesquisa que sem crédito e, portanto, sem dívida, não existe economia, nem do ponto de vista dos negócios, nem das famílias e das pessoas. Também percebemos que o crédito em todas as suas formas (com instituições bancárias ou com comércios, ou na forma de empréstimos ou ajudas entre próximos) é parte constitutiva dos circuitos alimentares. Os empréstimos de dinheiro e de insumos entre parentes, amigos e vizinhos foram fontes importantes para garantir o acesso à alimentação em várias casas.

Notamos, por exemplo, que os comerciantes e prestadores de serviços na Maré, embora demonstrem apreensão dos riscos de não receberem os valores devidos, não podem abrir mão da venda a crédito. A possibilidade de “pagar depois” garante a fidelização dos clientes e está baseada em relações de confiança mútua, mas também em avaliações sobre as necessidades dos clientes, em geral pessoas da comunidade, que podem ser vizinhos ou simplesmente compartilhar de condições semelhantes. Muitos donos de negócios contaram que durante a pandemia mantiveram preços baixos, aumentaram prazos de pagamento ou até diminuíram valores de aluguel em reconhecimento às dificuldades enfrentadas pelos seus clientes.

Eu tive uma ajuda do Sebrae. Foi um micro empréstimo que me ajudou bastante. Consegui comprar material, esse dinheiro me adiantou. E eu tive também o Auxílio Emergencial, me adiantou bastante. Todo mês eu praticamente pagava uma dívida, telefone, cartão de crédito. Mesmo o trabalho tendo diminuído porque eu fiquei restrito a trabalhar só aqui no meu bairro, sem poder ir para outros bairros, mas devido à ajuda financeira que eu tive, a um pequeno empréstimo que me ofereceram e do Auxílio Emergencial, não deu para passar aperto, não. Eu comecei a pagar, foram 9 prestações, eu já paguei duas, vai acabar no meio do ano [sobre o empréstimo]. Com o empréstimo eu comprei material, investi a metade em material, outra parte paguei a documentação da moto que estava atrasada, eu trabalho com ela. Por último agora, eu paguei a minha carteira.

(Morador, 40 anos, dezembro de 2020).

Ficou claro também que as dívidas não reconhecidas, ou reconhecidas e não pagas, podem ser a base para conflitos e foram relatadas como razões para rompimentos de relações de amizade ou até familiares. O peso moral da dívida e também da obrigação de emprestar dinheiro a pessoas próximas faz com que essa seja uma dimensão relevante das relações. E essa dimensão não se apresenta apenas entre os que fazem empréstimos entre si, mas envolve outras pessoas que avalizam de maneira explícita ou implícita o crédito, garantindo que podem pagar a dívida, caso o tomador não o faça, ou atestando o seu “caráter” de bom pagador.

Eu tive sim [cliente que não a pagou]. Em dezembro, com uma que, meu Deus, foi difícil. Eu tenho mandado mensagem. Na verdade, ficou assim, porque essa pessoa, uma colega minha que eu arrumei um extra, ela trabalha dia sim, dia não num hospital. E aí ela acabou me pagando. Pagou o primeiro mês e só. Aí depois pagou dezembro e ainda vendeu para mim umas coisas em dezembro e eu estou até hoje tentando receber. Recebi um pouquinho, mas ainda falta o restante. Aí o dinheiro que eu estava contando, que seria para mim, eu tive que cobrir conta dos outros para não ter que sujar meu nome.

(Moradora, 29 anos, março de 2021).

As dívidas com instituições bancárias, por sua vez, são bem diferentes. Antes de tudo porque o credor não é uma pessoa conhecida, mas uma instituição despersonalizada cujo poder de imposição do preço dos empréstimos é quase absoluto diante dos seus clientes. Se o não pagamento de uma dívida com uma pessoa próxima pode implicar perda de prestígio, dever a um banco pode restringir o acesso a outros créditos e serviços, por exemplo, com a inscrição em lista de empresas “garantidoras” como o Serasa, do conhecido “nome sujo”. Os juros altíssimos também fazem com que os valores pagos pelos empréstimos sejam em geral abusivos.

O jogo possível com essas dívidas passa por cobrir um valor devido com outro obtido com outra fonte de crédito, potencializando o valor total devido e alongando o período do endividamento. Em termos coletivos, os fluxos de crédito e endividamento ocorrem também pelos “empréstimos de nome”, pelos empréstimos de cartões de crédito ou pela manutenção do “nome limpo” de um membro da família que poderá “emprestar” quando necessário. Os sistemas institucionalizados, portanto, não funcionam à margem das redes de relações pessoais, mas ao lado e combinados com elas, muitas vezes inscritas nas configurações de casas.

Com certeza, peguei [emprestado]. A gente pega de um, paga o outro, aí pega de outro para pagar o outro, para ganhar um tempo. [...] Porque não tem solução, a gente tem que dar graças a Deus de conseguir. Eu peguei com a minha prima [...] e ela me socorreu. Esse mês já paguei a primeira parcela. [...]. Quando a gente está sem nada para investir. E fora a minha prima, me emprestou o cartão para eu comprar mercadoria.

(Moradora, 29 anos, agosto de 2021).

A prática do “fiado” (orientado muito especialmente ao provisionamento de alimentos), embora historicamente central nas relações de proximidade e reciprocidade na Maré, atravessa hoje um momento de reconfiguração provocado por mudanças demográficas e geracionais. Conforme aponta o Censo de Empreendedores da Maré (Redes da Maré, 2014). O aumento de novos moradores e de empreendedores mais jovens, que muitas vezes não possuem raízes profundas na comunidade, tem introduzido práticas comerciais mais convencionais e impessoais, distanciando-se da tradição local em nome da estabilidade financeira. Apesar dessa tendência, o crédito informal resiste como uma ferramenta vital de sobrevivência e fidelização, especialmente em ramos de consumo diário, como bares e estabelecimentos alimentícios, onde a rotina de frequência dos clientes sustenta a confiança mútua necessária para o “pagar depois”.

Essa resistência do crédito interpessoal não é apenas uma herança cultural, mas uma estratégia diante da chegada de grandes redes de supermercados à região. Enquanto as instituições financeiras e os grandes mercados operam de forma despersonalizada, o empreendedor local utiliza o “fiado” como um diferencial competitivo, oferecendo uma relação de confiança que as filiais externas não conseguem reproduzir. Assim, o endividamento entre vizinhos e o “empréstimo de nome”, mencionados nos relatos, ganham uma nova camada de significado: eles formam uma rede de segurança socioeconômica que permite às famílias e aos pequenos negócios locais se abastecerem e enfrentarem a concorrência externa, mantendo o fluxo de mercadorias e a subsistência das casas mesmo em tempos de crise.

Por outro lado, o cenário do microcrédito institucional na Maré revela um paradoxo: o acesso ao banco não é visto como o maior obstáculo, mas sim a utilidade estratégica desse crédito. Dados

do Censo de empreendimentos da Maré (Redes da Maré, 2014) mostram que 84,6% dos empreendimentos da Maré não possuem dívidas, e quase metade dos entrevistados (45,1%) avalia a dificuldade de obter empréstimos como baixa ou nula. Isso indica que a baixa adesão ao crédito formal não decorre necessariamente de barreiras bancárias, mas de uma percepção de risco ou de uma escolha deliberada do empreendedor, que não enxerga o endividamento bancário como a melhor estratégia de investimento. Essa realidade reforça a importância de políticas de micro-crédito que compreendam a dinâmica local, onde o “nome limpo” é preservado não apenas como um ativo financeiro, mas como uma salvaguarda individual e coletiva dentro da comunidade.

Casas e negócios

Em geral, as economias domésticas e os empreendimentos econômicos são vistos de forma separada. Na pesquisa, pudemos compreender esses dois espaços de maneira integrada, como configurações de casas e negócios. Entrevistamos pessoas donas de empreendimentos relativamente grandes, com empregados assalariados. Mas na maior parte dos negócios e empreendimentos tocados pelas pessoas entrevistadas trabalham elas sozinhas ou junto a poucos indivíduos, em geral ligados por relações de família. Esses empreendimentos fazem com que as dinâmicas das casas se intersectem com as das lojas, salões de beleza e lanchonetes.

Os dados do Censo de empreendimentos da Maré revelam uma realidade similar para os empreendimentos econômicos: mais de 1/3 dos negócios conta com a força de trabalho de apenas uma pessoa e outro terço de apenas duas. Isso demonstra que a maioria dos empreendimentos possui uma estrutura frágil e dependente quase exclusivamente do esforço individual do empreendedor, o que explica por que a maior parte dos negócios é tocada por pessoas sozinhas ou junto a poucos indivíduos, em geral ligados por relações de família. O Censo ainda destaca que estabelecimentos de médio e grande porte são raros na comunidade, onde apenas 7,6% empregam mais de cinco pessoas e um percentual ínfimo de 2,4% conta com mais de dez funcionários. Esse cenário de negócios com funcionamento limitado, operando em pequena escala, faz com que as dinâmicas das casas se intersectem com as de lojas, salões de beleza e lanchonetes, tornando o ambiente doméstico e o comercial partes de um mesmo sistema de sobrevivência.

Uma dimensão fundamental é a mobilização de membros da família para o trabalho na loja de maneira permanente, intermitente ou temporária. Ou seja, em muitos negócios, casais e filhos, por exemplo, se responsabilizam de forma constante por uma ou mais atividades: receber clientes, controlar estoques ou alimentar redes sociais. Há outros casos em que a participação, principalmente de filhos mais jovens, se dá de maneira esporádica, quando há disponibilidade de tempo ou maior necessidade no negócio. Identificamos também parentes que trabalham por períodos de semanas ou meses, especialmente sob a forma de ajuda. Alguns desses familiares recebem remuneração fixa, outros recebem algum pagamento, enquanto outros ainda não recebem qualquer recompensa monetária.

Sou eu, minha esposa e um primo meu, que me ajuda aqui também. [...] Eu compro as chapas das fábricas de papelão, eles me fornecem as chapas e eu corto. Eu tenho as máquinas aqui para cortá-las em cada tamanho específico e coloco a logomarca da pessoa, imprimo, para personalizar. Aí ela [a esposa] é mais na parte administrativa assim. A gente [ele e o primo] fica mais aqui na operacional. A gente corta, eu imprimo, entrego. A gente se divide mais ou menos assim. Sim, eu pago a ele. Já estão faltando dois anos para se aposentar, e a gente paga aquele carnezinho por mês ali e eu dou a ele um salário.

(Morador, 35 anos, dezembro de 2020).

Eu trabalho na loja, eu trabalho sozinho, mas na montagem das decorações eu levo o pessoal para me ajudar. Amigo, minha irmã, meu cunhado, são o pessoal do meu convívio mesmo. [...] Então, toda a semana eu tenho festa, mas é mais no final de semana mesmo. De sexta a domingo. [...] Então, para ano que vem é só colocar minha irmã aqui mesmo, porque com essa pandemia eu trabalhei triplicado, mentalmente eu estou cansado, então eu tenho que ter alguém aqui para me ajudar, para poder, em relação de organização, de entrega de material, de recebimento de material, porque, na loja é tudo eu.

(Morador, 41 anos, dezembro de 2020).

Falar em “empreendimentos familiares” chama a atenção para essa relação em termos mais gerais, mas as variações são significativas e mudam ao longo do tempo. Elas se baseiam em dois fatores principais: as combinações de renda nas casas e nas configurações de casa (descritas anteriormente) e os arranjos de cuidado.

No primeiro caso, identificamos, por exemplo, que trabalhar no negócio de um familiar foi uma alternativa para pessoas que tinham perdido seu trabalho durante a pandemia. Também encontramos pessoas aposentadas que passaram a trabalhar “para ajudar”, o que liberava outras para outras atividades. Assim, constatamos que o tempo de trabalho, as formas de remuneração e os tipos de atividades que as pessoas desempenham num determinado empreendimento estão associadas a esses arranjos mais amplos, de maneira que, por exemplo, um cunhado que ficou desempregado pode “ajudar” e ganhar um pouco de dinheiro com isso, assim como uma mãe idosa pode, por alguns meses, atender clientes para que a filha possa se dedicar a fazer bolos para vender.

Também é importante reconhecer que a possibilidade de empreender está muitas vezes associada ao trabalho assalariado de alguém na casa, capaz de garantir uma renda segura para despesas básicas. Também é comum que indenizações trabalhistas sejam usadas como investimento inicial para montar negócios. Com isso, queremos salientar mais uma vez a interdependência entre assalariamento e empreendedorismo, quando enxergamos esses negócios na Maré através dos fluxos relacionais nas casas e nas configurações de casas.

Como eu te falei, eu não tinha, assim, ideia assim de que fazer. Mas como ficou eu e meu esposo desempregado, acredita que foi na minha última parcela do meu auxílio-desemprego? Foi, foi uma correria, entendeu, aí eu peguei a última parcela e a varandinha aqui já tava prontinha, aí eu comprei um lavatório, tudo de segunda mão. Aí eu consegui fornecedor, a tinta para o pessoal, aí eu consegui um fornecedorzinho, aí comprei também, mas o primeiro investimento não foi lá aquelas coisas, perdi muito produto. E dali eu passei a ter meu controle. Aí através do curso também da Redes, que a professora foi dando umas dicas, de anotar, de tirar porcentagem para mim, tirar porcentagem para repor o produto, então dali eu fui conseguindo, cada vez, melhorar, em relação a cobrar, saber cobrar. Gestão, a divulgação, eu não faço muita não, mas o pouquinho que eu faço graças a Deus está ótimo.

(Moradora, 29 anos, dezembro de 2020).

É comum também que uma mesma casa abrigue vários negócios. Uma de nossas interlocutoras descreveu como, durante a pandemia, deixou o emprego para começar a fazer bolos. Seu pai, com quem mora, já tinha um pequeno bar em frente a sua casa. Sua mãe era costureira. Os

empreendimentos, todos eles relativamente independentes, contribuíam com o dinheiro de uma mesma casa, fazendo com que uma eventual queda nos ganhos de um compensasse o outro, coisa que poderia também ser ajustada, como descreveu nossa interlocutora, com o trabalho de um ajudando o empreendimento do outro.

O compartilhamento de espaços da casa e de negócios é bastante presente na Maré, embora também com variações significativas. Há pessoas que trabalham inteiramente dentro de casa, outras fazem parte do trabalho lá e possuem lojas ou oficinas fora também, e outras ainda contam com espaços exclusivos para venda e atendimento a clientes. A convivência maior ou menor, ou a separação entre espaço doméstico e espaço do empreendimento, está relacionada a vários fatores. Um deles é, evidentemente, a capacidade financeira para comprar ou alugar um espaço exclusivo para uma loja, mas há outras, como descreveremos abaixo:

Eu sempre faço as coisas em casa, eu faço bolo, eu faço essas coisas, sobremesa, aí eu fazia em casa. Mas aí agora eu consegui alugar uma lojinha para mim, consegui alugar, nesse meio da pandemia. Aí agora eu estou na lojinha, eu não estou mais em casa, fazendo as coisas, que antes eu fazia só em casa. Agora eu consegui abrir uma lojinha e agora eu já estou trabalhando na loja.

(Moradora, 28 anos, dezembro de 2020).

Bom, eu moro no ateliê, não tenho cama. Mas para mim é um espaço bom. Tem umas estantes com os tecidos, meus livros, os potes de fecho, de botão, de linha, as peças. [...] E a cozinha também é pequena. É um espaço com uma bancadinha no meio, que ali fica o fogão, geladeira e a mesa, a minha mesa eu uso para cortar tecido, para estudar, para almoçar.

(Moradora, 40 anos, março de 2021).

Percebemos que a configuração econômica, laboral e espacial dos negócios está estreitamente ligada aos arranjos de cuidado. Isso significa que a dedicação de tempo a um empreendimento precisa, em muitos casos, se conjugar com o cuidado de crianças, pessoas doentes ou com deficiências. Essas conjugações são especialmente críticas para as mulheres, principalmente aquelas responsáveis pelo trabalho cotidiano de alimentar, limpar ou acompanhar. Mas não é sua exclusividade, já que alguns homens participam diretamente ou indiretamente também dos cuidados, transportando pessoas, fazendo compras ou em alguns poucos casos, preparando alimentos.

Durante a semana meu esposo vai, abre [o bar], aí fica lá até dez, onze horas da noite. E assim dá para ir. Durante a semana, ele que vai, porque eu fico em casa com a moça [filha]. Eu vou mais no final de semana.

(Moradora, 55 anos, março de 2021).

Então, eu trabalho, por exemplo, agora eu ainda vou voltar lá no mercado antes de fechar. Eu vou para lá onze da manhã, aí volto duas e pouca, faço almoço, almoço, volto para lá, aí minha irmã larga às cinco horas, aí eu fico no lugar dela. Eu fico até umas nove, dez horas, eu venho, como alguma coisa e volto para ajuda-lo a fechar. [...] Quando eles dois vão para o Ceasa, vão os dois, meu marido e meu filho, e ficamos eu e minha irmã no mercado dividindo os horários. Eu venho, faço almoço, ela vai em casa, almoça. Eles saem para rua, a gente divide os horários entre a gente.

(Moradora, 52 anos, maio de 2021).

Como é perto do bar o lugar que eu moro, o meu enteado fica com ela [a filha]. [...] O meu enteado já vai fazer quinze anos, e eles ficam os dois. Dez ou onze horas, eu vou trabalhar, o meu marido vai na frente, abre o bar, fica lá, quando é dez, onze hora, eu a coloco para dormir [a filha], aí é que eu vou. Aí fica os dois.

(Moradora, 55 anos, dezembro de 2020).

[Sobre o filho mais novo ter cuidadora] No momento sim, mas ela, eu meio que só deixei ela lá para ele ficar o mês de novembro e dezembro, que teoricamente seria o mês mais movimentado da loja. Na verdade, era um investimento. Não aconteceu, porém, ficar com uma criança de dois anos na loja é complicado, então, eu falei com ela que eu ia deixar mais esse mês, só. E, a partir do mês que vem, ele [o filho] volta a ficar comigo. Que ele ficava comigo na loja, mesmo. Com a irmã dele me ajudando a olhar, enfim. Entra um cliente, ela corre com ele.

(Moradora, 29 anos, janeiro de 2021).

Essas relações também se expressam na espacialidade. Várias das nossas interlocutoras disseram preferir desempenhar suas atividades em casa ou em um espaço bem próximo porque podiam, assim, ao mesmo tempo cozinhar para a família e cuidar dos filhos ou netos. Para outras, o importante era manter separados os espaços doméstico e do empreendimento, para que a casa fosse dedicada ao bem estar de crianças e das pessoas idosas.

Também é comum que tias, avós ou amigas cuidem em suas casas dos filhos de outras mulheres para que possam ir trabalhar no seu empreendimento. São várias as casas e os empreendimentos envolvidos nessas redes que se apoiam mutuamente. Assim, a configuração só é compreensível considerando que os negócios estão ligados a dinâmicas domésticas múltiplas.

Os negócios (a partir da pandemia)

Nesta seção descrevemos quais os principais fatores de diferenciação que estiveram presentes nos destinos dos empreendimentos econômicos durante a pandemia. Interessa mostrar o que a pandemia ainda pode nos ensinar sobre as dinâmicas econômicas atuais da Maré e, de forma mais ampla, sobre as dinâmicas da economia popular.

Embora tenha havido a determinação de fechamento do comércio pela Prefeitura durante algumas semanas, nossos interlocutores relataram que a regra não era seguida, pelo menos não pela maioria dos empreendimentos dentro da Maré. O medo e a incerteza foi tomando conta de muita gente, sendo difícil para muitos seguir à risca todas as indicações das autoridades. O impacto da pandemia na economia local se deu, sempre segundo nossos interlocutores, por causa da falta de dinheiro: muitas pessoas que tinham trabalhos fora das comunidades perderam empregos, não conseguiram trabalhar ou tiveram os seus salários reduzidos. Portanto, se, aparentemente as regras de restrição de funcionamento não tenham sido seguidas de maneira estrita dentro da Maré, as consequências econômicas delas no resto da cidade se fizeram sentir por meio da depressão econômica causada pela diminuição geral da renda.

Teve uma mudança econômica, no sentido de no começo, mês de março [de 2020], que foi aquela onda, quando a pandemia estava chegando. Houve muitos óbitos de pessoas conhecidas, e as pessoas ficaram um pouco assustadas e no começo se restringiram muito a sair na rua. Alguns comércios fecharam. Mas depois foi, não sei se foi diminuindo, não sei se foi o hábito da doença, foi diminuindo, as pessoas viram que não estava uma proporção tão grande assim mais e começaram a sair, a tomar a sua rotina normal. Em sentido aqui dentro,

da Maré, a maioria dos comércios, a maioria dos comércios não fecharam. [...] Muitas pessoas desempregadas, muitas pessoas dependendo umas das outras, se houve muita ajuda, muitas pessoas que não trabalhavam com ação social, passaram, quem tinha uma condição melhor ajudar aqueles que não tinham. Isso foi muito perceptível no começo da pandemia. [...] Querendo ou não, o comércio quando fecha lá fora, afeta muito aqui dentro. Porque as pessoas perdem seus empregos. Muita gente trabalhando em home office dentro de casa. E os gastos, querendo ou não, aumentam, os níveis de estresse aumentam, o consumo aumenta, o consumo aumenta de comida, você imagina uma pessoa trabalhando dentro de casa o dia inteiro, dentro de quatro paredes, com a esposa, o filho, o filho que não vai na escola. Trazer o teu trabalho para dentro da tua casa, algo novo, tem gente que pode se adaptar, tem gente que não se adapta com isso, imagina só como é que fica a cabeça da pessoa.

(Morador, 41 anos, dezembro de 2020).

É evidente que a existência e tamanho de fundos de reserva, a quantidade de capital de giro, o fato de uma loja ser própria ou alugada e tantos outros fatores propriamente financeiros foram fundamentais na capacidade de empreendimentos se sustentarem durante a crise pandêmica. Mas, como pudemos constatar na pesquisa, a capacidade de adaptação não esteve ligada apenas a fatores diretamente monetários.

Observamos que vários dos nossos interlocutores evitaram alterar preços ou mesmo baixaram, reconhecendo a queda na capacidade de compra dos clientes. Isso ocorreu mesmo quando insumos - especialmente alimentares - aumentavam sensivelmente de custo. Também usaram estratégias como diminuir porções de pratos, por exemplo, de maneira que o valor nominal seguisse igual e as perdas econômicas fossem menores. Essas avaliações também seguiram os aumentos e diminuições dos valores pagos por meio do Auxílio Emergencial, um dos “índices” econômicos mais importantes usados na leitura do mercado local. Ao focar a pesquisa nas pessoas envolvidas em comércios e lugares de prestação de serviços na Maré, pudemos compreender os vários “lados” dos preços, ou seja, a maneira como se lidam com os preços oferecidos, mas também os critérios que as pessoas que “fazem” preços usam para alterá-los.

Um dos fatores que fizeram com que alguns negócios continuassem existindo e gerando ganhos mesmo durante o período de isolamento social e, portanto, a sua maior adaptabilidade foi a utilização de meios eletrônicos de propaganda e venda de serviços. Quando os donos e donas já utilizavam ou aderiram rapidamente à comunicação por meio de aplicativos de mensagem e redes sociais, puderam manter seus clientes.

Mas isso, evidentemente, se aplicava a tipos específicos de negócios. Outro fator importante na manutenção dos empreendimentos foi o tipo de atividade econômica. Manicures, cabeleireiras, massoterapeutas e todos os profissionais que trabalhavam com serviços ligados ao corpo e que demandavam, necessariamente, contato muito próximo, sofreram imensamente. Por outro lado, pessoas que tinham restaurantes e que conseguiram converter as vendas na loja em entregas puderam lidar melhor com a situação imposta pelo isolamento.

Se o uso de meios eletrônicos, o jogo com os preços, as entregas e os arranjos de cuidado possibilitaram que alguns empreendimentos resistissem melhor à crise econômico-pandêmica, houve aqueles empreendimentos que prosperaram com base em condições colocadas por ela mesma. Algumas pessoas passaram a receber o AE sem que tivessem sido beneficiárias antes de outras políticas de transferência, de modo que os valores recebidos foram injeções não

esperadas e bastante significativas de renda. Alguns investiram em novos maquinários, deram entrada em compras vultosas como de uma moto e, dessa maneira, aumentaram seus ganhos. Alguns donos de negócios conseguiram converter suas atividades por meio de oportunidades específicas criadas na pandemia.

Aí tipo essas bolsas da iFood, foi onde me salvou, que dá o nome de bolsas bag. Foi onde veio segurando, e capengando, mas por exemplo, vende uma ali, vende outra aqui, aí tem um restaurante aqui dentro da comunidade que é comum vir aqui. [...] É, sério mesmo, então graças a Deus eu vendi muita bolsa para esse pessoal, foi o que me salvou, [...] Então isso aí foi onde eu pude me tirar alguma coisinha, entendeu, e dívida eu tenho muita, tá? Foi uma coisa assim, eu acho que vai dar certo, tipo assim. [...] Como a pandemia chegou, então o delivery aumentou muito. Aí o que aconteceu, toda hora chegava uma pessoa aqui pra consertar a bolsa. Que eu de tanto fazer, como eu conserto, [...] chegou um amigo meu: "Ah, consegue fazer, consertar?", aí eu consertei a bolsa e ficou tão legal que trouxe mais outra, aí depois ele falou: "Pô, cara, por que você não faz umas bolsas dessas? Não consegue fazer a bolsa?". Eu falei, consigo, posso tentar. Aí fiz a modelagem, mudei de acordo como ele queria, aí deu samba. Só pra ele [...] eu vendi em torno de dez bolsas. E é uma bolsa muito bonita, muito bem feita, entendeu, e aí eu vou levando.

(Morador, 41 anos, dezembro de 2020).

Bom, na minha vida mudou tudo porque eu tinha um [negócio] só para mulheres e eu tive que fechar, então assim, eu estava no momento melhor da minha empresa, e do nada eu tive que fechar, diante dessa situação. Eu sou [profissional da área de saúde], eu tive uma ideia de começar a fazer os atendimentos online. E foi quando eu tive a ideia de fechar [o negócio] e montar [outro tipo de negócio], com preço popular, em que as pessoas tivessem acesso, mas que o preço desse para que eles pagassem. Então assim, a minha vida mudou, mas não foi ruim, para mim foi muito melhor, essa pandemia não foi ruim para mim tanto economicamente como para minha vida, eu acho que eu cresci muito, amadureci muito, e consegui montar uma clínica no meio de uma pandemia.

(Moradora, 37 anos, dezembro de 2020).

Ao lado do tipo de atividade em si, as cadeias produtivas em que estavam inseridas também foram determinantes, mostrando que a economia da Maré, mesmo muito territorializada, também é integrada, não apenas ao resto da cidade, mas a mercados globais.

De uns meses para cá, as fábricas vêm trabalhando com cotas, cota mínima para cada cliente. Não podia mais comprar aquilo que você vinha comprando, eles que estipularam a quantidade mensal. Dezembro e janeiro eles já mandaram o aviso de que eles não têm condições de atender mais ninguém. [...] Meu primo mês passado ele estava fazendo a obra, deu uma parada agora. Ele estava me dizendo que o cimento aumentou muito devido a essa mesma questão. Tem lugar que ele não estava achando aço, vara de ferro. Então, pelo que eu vejo, não é só o papelão não. Eu acho que todos os segmentos estão sofrendo com isso aí.

(Morador, 35 anos, dezembro de 2020).

Então, os consertos e outros produtos, relógio, acessório, capa, película, essas coisas [diminuiu a oferta na loja]. Infelizmente teve que dar uma diminuída no que a gente tinha, mas é mesmo por conta dessa pandemia, lockdown, quarentena, muito fornecedor não funcionou, muita coisa não tava sendo fabricada nem importada, então teve muito produto que a gente

não conseguiu e ainda não consegue estocar na loja, entendeu. E o preço de muita coisa aumentou, demais.

(Morador, 42 anos, janeiro de 2021).

Finalmente, como foi explicado na seção anterior, o funcionamento dos empreendimentos está fortemente relacionado com os arranjos de cuidado das casas que estão relacionadas com eles. Assim, alguns negócios foram fechados, porque seus responsáveis não podiam mais combinar as atividades de cuidado e o trabalho no empreendimento. Mais uma vez, vale citar o fechamento das escolas que obrigou muitas mães e também alguns pais a estarem presentes dentro de casa em horários em que antes podiam se dedicar ao comércio ou à prestação de serviços.

Uma crise pode ser mundial e muito grave, mas as crises se inscrevem em condições e situações específicas e variadas que podem levar a diferentes consequências. Observamos durante a pandemia mudanças repentinas e radicais que tornaram mais visíveis as pequenas diferenças, também entre empreendimentos, que os fazem mais ou menos frágeis diante de dificuldades.

5.2. Circuitos alimentares

Nesta seção apresentamos o mapeamento dos circuitos horizontais de circulação de alimentos. Os fluxos de refeições prontas e de insumos para preparação de alimentos são significativos entre as casas. Eles se organizam em uma enorme variedade de arranjos. Variam segundo sua extensão, com circuitos que envolvem apenas duas casas, até circuitos que envolvem quatro ou mais. Também se organizam segundo a intensidade, havendo configurações em que há fluxos de alimentos e pessoas em direções diferentes e outras em que uma casa tem papel apenas de distribuição, fornecendo comida para outras casas e pessoas. **Todos os arranjos são conformados por meio de dinâmicas relacionais que envolvem especialmente relações familiares, mas também de amizade e vizinhança.** Junto aos alimentos e às pessoas que circulam entre as casas circulam também objetos, afetos, medicamentos e dinheiro. O destaque a esses fluxos que chamamos de horizontais, não exclui outros espaços relevantes, cuja conexão com as casas e configurações de casas ajuda a moldar os estilos de alimentação tanto em termos de suas qualidades nutricionais, quanto de seus valores culturais e afetivos. Tratamos, também, de como a mobilidade e certas características dos mercados, tanto dentro da Maré quanto do seu entorno, participam das práticas alimentares.

Circuitos preferenciais e relacionalidade

Constatamos que há intensa circulação de alimentos e de pessoas entre casas. No conjunto das casas pesquisadas, em 62% delas comem com frequência pessoas que moram em outras casas ou a comida é levada até elas. Chamamos essas casas de **doadoras**. Por outro lado, 43% são casas **receptoras**, ou seja, seus moradores vão a outras casas para comer, ou alguém traz comida de outra casa. Há aquelas que são ao mesmo tempo doadoras e receptoras, onde há fluxos recíprocos. Estas representam 28% dos casos. Apenas 22% das casas não são doadoras nem receptoras, ou seja, não identificamos fluxos significativos com outras casas.

É importante assinalar que esses dados dizem respeito à circulação cotidiana, portanto, é certo afirmar que as redes devam ser ainda mais extensas, já que não se consideraram na pesquisa aquelas trocas mais esporádicas, tampouco as associadas a eventos familiares, como festas e outros.

As trocas entre as casas se dão, principalmente, com mães e filhos, sendo que as casas matriarcais são mais frequentemente doadoras. Das pessoas que declararam que alguém come em outra casa, metade disse que iam na casa da mãe. Por outro lado, quando perguntadas se levavam comida para outras casas, dos que responderam que sim, a categoria de casa com mais respostas foi a de filhos ou filhas (42%).

Isso significa que os laços de cuidado dentro das moradias, enquanto as pessoas são crianças e adolescentes, perduram, mesmo quando filhos e filhas saem de casa e, até, quando já têm seus próprios filhos. Muitos desses fluxos envolvem, também, uma geração mais nova, de modo que essas mulheres também estendem esses cuidados aos seus netos. **Constatamos, assim, que os laços estabelecidos pela maternidade (direta ou dupla, como avós) são os mais significativos nos circuitos alimentares que conformam configurações de casas.** Houve alguns casos em que uma mesma mulher, com idade entre 40 e 50 anos, ocupa o centro da distribuição de alimentos e, muitas vezes, de dinheiro e cuidados de um circuito amplo de casas, que inclui as de filhos e filhas, alguns sem cunhado e os netos e netas.

Outras circulações, para além de receber pessoas em casa para comer ou levar comida para outras casas, também são significativas. Em 46% das casas pesquisadas houve pedido de empréstimos de dinheiro para comprar alimentos. Se as trocas que envolvem diretamente a comida se dão majoritariamente entre parentes, estes valores vêm principalmente de amigos e vizinhos. Outra fonte significativa de alimentos são organizações locais como a própria Redes da Maré e igrejas. Um terço das pessoas que entrevistamos declararam terem recebido doações de alimentos.

Esses dados sugerem que os fluxos por meio dos quais os alimentos chegam às pessoas são amplos e incluem diferentes agentes. Embora nossa metodologia não proponha a produção de dados estatisticamente significativos (extrapoláveis para qualquer escala), sua expressividade numérica e lógica (considerando as condições sociais, econômicas e espaciais) permite afirmar que é certo que a maior parte das casas da Maré estão conectadas a circuitos horizontais de alimentação. Para compreender as variações nas maneiras como as casas se conectam, as classificamos em quatro categorias: casas apenas receptoras, apenas doadoras, receptoras e doadoras e sem conexão (nem doadoras, nem receptoras). Nossos dados sugerem alguma relação entre receber e doar e as capacidades propriamente econômicas das casas. Entre as moradias doadoras está a maior proporção com maior renda e entre as receptoras, as com menor renda e também a maior quantidade relativa de pessoas que recebem Bolsa Família (BF) ou Benefício de Prestação Continuada (BPC): 61%, contra apenas 25% das que são só doadoras.

Mas quando analisamos os dados que denotam outras conexões e circulações, percebemos que as casas que receberam mais doações de comida e que pediram mais dinheiro emprestado foram aquelas que são tanto doadoras quanto receptoras, embora neste último quesito a diferença com as que são só doadoras ou só receptoras não seja significativa. Ou seja, elas são mais conectadas inclusive a circuitos mais amplos que os das próprias casas.

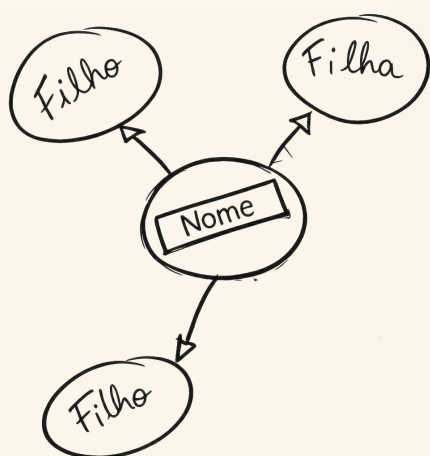
Sobre o grupo minoritário em termos de conectividade, os 22% de casas que não são nem receptoras nem doadoras, sugerem residências menos conectadas menor acesso a políticas públicas (baixa proporção de moradias em que alguém recebe BF ou BPC: 26%). Foram o tipo de casa que menos pediu dinheiro emprestado (38%) e recebeu muito menos doações que as outras (apenas 9%). Isso mostra que maior (ou menor) conectividade das casas é uma

característica que vai além dos circuitos de casas e se estende a outras conexões. As diferenças de níveis de renda só parecem variar de maneira significativa entre casas que são só doadoras (maior renda) ou só receptoras (menor).

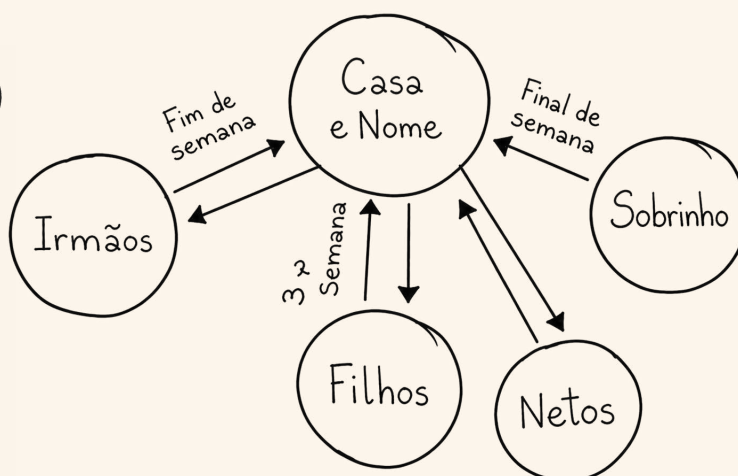
Os desenhos produzidos nas entrevistas domiciliares mostram de maneira sintética fluxos de comida e quantidade de casas envolvidas nas configurações. Os gráficos que se apresentam abaixo mostram, a título de exemplo, **configurações diferenciais de fluxos alimentares e de conectividade relacional**.

Fluxos de comida: desenhos elaborados nas conversas

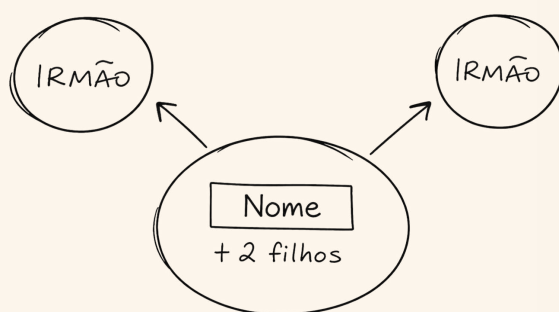
Fluxo 1:



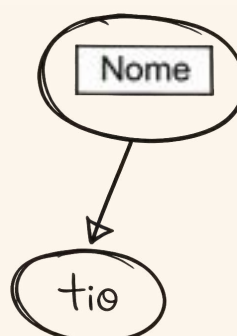
Fluxo 2:



Fluxo 3:



Fluxo 4:



Diferenças internas

Como sinalizamos neste texto, os nossos dados quantitativos não foram construídos como amostras generalizáveis. No entanto, por meio de uma comparação cuidadosa entre os dados das duas comunidades estudadas (Salsa e Merengue e Nova Holanda), podemos mostrar alguns fatores associados às diferenças espaciais e socioeconômicas.

No Salsa e Merengue (SM) há maior proporção de pessoas que se alimentam apenas uma ou duas vezes por dia (43%) em comparação com aquelas que residem na Nova Holanda (NH) que representam 34%. Também há mais casas onde alguém recebe BF ou BPC (41% e na NH, 31%). A quantidade de pessoas que não chegam a fazer três refeições supera um terço das nossas entrevistadas, mas, além deste já ser muito alto, a diferença entre as duas comunidades é bem significativa.

Essas características parecem seguir o quadro geral segundo o qual a comunidade de NH experimenta condições socioeconômicas melhores que SM. Quando observamos os circuitos de comidas entre as casas, o que percebemos é que há mais conexões na NH, em que a proporção de casas que são ao mesmo tempo doadoras e receptoras é bem maior (38%) que no SM. A proporção de casas sem conexão também é um pouco maior no SM (23%, contra 20% na NH). Isso se dá também em relação aos mercados de alimentos. Do total de pessoas entrevistadas, 60% disseram que as compras da casa são feitas só dentro da Maré, mas há uma diferença entre as duas localidades. Enquanto na NH 54% não saem para fazer compras fora do território, no SM são 63%.

Essas características sugerem que as conexões entre as casas por meio de circuitos alimentares não são uma função direta da suposta “necessidade”, mas um recurso, ele próprio, cuja escassez se soma a outras precariedades. Ou seja, **as conexões são recursos coletivos cujas possibilidades estão também desigualmente distribuídas** no território da Maré.

Inscrições territoriais

Iniciamos esta seção puxando o último ponto da seção anterior. Parte das diferenças encontradas na configuração de circuitos alimentares - mais densos na NH e menos densos no SM - podem estar associadas à história de ocupação dessas localidades, à origem dos moradores e à própria distância em relação a comércios e serviços oferecidos dentro da Maré.

Essas dimensões, que dizem respeito à estrutura territorial interna de cada favela, estão, por sua vez, conformadas em relação a diferenças e fronteiras que estabelecem o que seja “dentro” ou “fora” da Maré. Os limites administrativos do bairro são apenas uma das maneiras de definir seu espaço, havendo outras fronteiras físicas, morais e de governo que constituem os limites vividos do território por meio das práticas cotidianas das pessoas. As circulações de alimentos, seja entre casas ou nos mercados monetizados de refeições prontas e insumos alimentares, são tanto resultado dessas fronteiras estabelecidas ao longo do tempo, quanto as reforçam no dia a dia.

Na pesquisa constatamos algo que o Censo de Empreendimentos da Maré (Redes da Maré, 2014) já havia mostrado: uma economia altamente territorializada, em que o comércio de produtos e a prestação de serviços são oferecidos e consumidos, em sua maioria, por moradoras e moradores. Os nossos interlocutores, 31% disseram que pede comida para entrega em domicílio com alguma frequência. Entre eles, 97% afirmaram que costumam fazer as encomendas em estabelecimentos de dentro da Maré. De forma parecida, em 25% das casas as pessoas saem para ir a restaurantes e lanchonetes e, dessas, 96% frequentam negócios também dentro da Maré. Além disso, em 86% das casas as compras são feitas a pé, ou seja, a distâncias relativamente pequenas.

É certo que, diferente de outras favelas e conjuntos de favelas na Zona Norte do Rio de Janeiro, em grande parte do território da Maré há uma delimitação bastante marcada pela Avenida Brasil, a Linha Vermelha e a própria Baía de Guanabara. Isso ajuda a conformar essa territorialização

acentuada dos mercados de alimentos e de outros mercados a eles relacionados, já que, junto a essas fronteiras físicas também funcionam limites de controle e governo sobre o espaço. O mercado do gás de cozinha é um exemplo da articulação entre os circuitos alimentares e as práticas econômicas no território. Avaliados pelos nossos interlocutores como mais altos do que em bairros do entorno, os preços praticados na Maré demonstram que as dinâmicas econômicas locais estão diretamente relacionadas às condições de acesso, circulação e mobilidade que conectam o território ao seu entorno.

As mobilidades não são definidas, porém, apenas pelo controle direto de mercados e circulação de pessoas. O preço do transporte e as diferentes configurações dos serviços dentro e fora da Maré são fatores importantes nas estratégias das pessoas para lidar com orçamentos limitados ou aumento no preço dos alimentos.

Quando entrevistamos moradoras e moradores em 2021, durante uma alta acentuada no preço de alimentos básicos como arroz, feijão e carne, identificamos que elas passaram a fazer compras mais longe, já que a diferença relativa entre preços de atacado e varejo, dentro e fora da Maré, se acentuaram no período. É conhecido que os tempos inflacionários não são caracterizados apenas pelo aumento generalizado dos preços, mas também pela atmosfera de incerteza que favorece que haja diferenças maiores entre preços praticados por um e outro lojista, por exemplo, do que em momentos com pouca inflação. Assim, lidar com a inflação e com restrição de dinheiro passou, para nossos interlocutores, por reorganizar suas rotinas de circulação na cidade.

Alimentação e saúde

Muitas de nossas interlocutoras usaram nas conversas as ideias de “comer bem” e “comer mal”. A primeira expressão está ligada a alimentos como saladas e frutas. Por seu lado, “comer mal” ou “comer porcaria” está associado a salgadinhos e frituras, principalmente. Muitas pessoas expressaram seu esforço para alimentar-se bem e a sua família. Muitas outras nos disseram que não conseguiam se alimentar bem por falta de tempo, dinheiro ou mesmo por limitações físicas por conta de doenças crônicas, especialmente aquelas que geram dores nas pernas e braços, como artrites. O círculo que se retroalimenta negativamente entre o convívio com as doenças e comer mal.

A gente está com a rotina bem bagunçada e a alimentação vai junto. E, na maioria das vezes meu marido, por exemplo, como taxista, ele dá prioridade para comer besteira na rua, porque aí ele não perde tempo comendo, vai comer e come um salgado, come uma besteira. Eu estou na loja, e aí acabo comendo mais besteira do que coisas saudáveis.

(Moradora, 29 anos, agosto de 2021).

Não, graças a Deus a gente não tem nenhuma doença desse tipo de ficar tomando remédio direto. Graças a Deus a gente não tem mais. No dia a dia mesmo, tentar comer o menos agressivo à saúde possível, essas coisas de vida mais saudável. Também a gente pratica esporte. Sempre, eu e meu filho, estamos jogando bola, natação, essas coisas, cuidando da saúde. No alimento e procurar fazer sempre um exercício, alguma coisa para movimentar.

(Morador, 35 anos, outubro de 2021).

Assim, além de fonte de saúde ou de adoecimento, a boa alimentação depende de que as pessoas tenham condições físicas para sair para comprar insumos e cozinhar. **Os resultados da pesquisa mostram, portanto, a centralidade dessa relação recíproca entre saúde e comida, por vezes considerada apenas em uma só direção.**

A diabetes e a hipertensão, doenças muito comuns e que acometem muitos dos nossos interlocutores, parentes e vizinhos, estão fortemente ligadas à alimentação na sua origem e também exigem cuidados com aquilo que se consome no dia a dia. As pessoas mostram consciência dessa relação entre qualidade da comida e doença. Alguns descreveram a necessidade de preparo de refeições separadas para aquelas e aqueles que sofrem dessas condições. Isso chama atenção para um fato que já foi apontado anteriormente: a heterogeneidade na alimentação mesmo dentro das casas. Se a relação entre alimentação e saúde física é reconhecida pelos nossos interlocutores, também pudemos observar a relação com sofrimento psíquico. Pessoas entrevistadas ou seus parentes e vizinhos descreveram vários casos de “depressão”, principalmente como condição que impossibilitava que essas pessoas pudessem cozinhar para si mesmas e necessitando, por isso, da solidariedade de outras.

Não foram poucos os casos, quase todos descritos por mulheres, em que o consumo de alimentos - em excesso ou de má qualidade - é “válvula de escape” para sofrimentos emocionais descritos como “tristeza”, “ansiedade” ou “nervosismo”. Comer muito, “se descontrolar”, é uma das maneiras como as pessoas expressam o estresse cotidiano e que, segundo suas próprias avaliações, têm efeitos negativos como engordar ou desencadear sintomas.

Eu só como besteira. [...] Ontem eu fiz um sanduíche de pão de fôrma, carne de hambúrguer, queijo, ovo. É assim que eu como. [...] Levo marmita, não tenho dinheiro para comprar. Eu como tudo, como frango, como fígado, como carne, só não gosto de comer peixe. [Salada] Às vezes, quase nunca. [Legumes] nunca. Geralmente, carboidrato e feijão [...] Essas coisas da vida [problemas psíquicos, financeiros, familiares] eu desconto na comida, tem que extravasar em algum lado. Pão, bolo, doce.

(Moradora, 26 anos, agosto de 2021).

A comida é considerada como propriamente terapêutica em algumas situações. Vários relatos dão conta do uso de alimentos específicos como forma de tratar doenças e sintomas diversos. A fragilidade permanente ou momentânea de uma pessoa doente foi apresentada em várias ocasiões como justificativa para maior cuidado com a qualidade da comida ou para o preparo de refeições consideradas “fortalecedoras”.

Bom, eu tomo remédio em último caso mesmo. No caso saúde, eu foco na alimentação porque o que a gente come é o que a gente é, então, eu procuro comer o mais saudável e natural possível, eu não me alimento de carne. [...] É uma dor de cabeça, pode ser cansaço, então, eu tomo um banho, me deito, como algo leve. Se for uma dor de estômago, um chá, água porque água é o remédio mais natural que existe. E puro.

(Moradora, 40 anos, junho de 2021).

5.3. Saúde e cuidados

Saúde e cuidados são duas dimensões da vida dos nossos interlocutores que os mobilizam fortemente. Em ambas as fases da pesquisa, **a quantidade de tempo e dinheiro que as pessoas usam para tratar de doenças ou cuidar de enfermos, é enorme**⁸. Ao lado disso, é nas relações de cuidado - acompanhar alguém em casa, alimentar, dar banho, levar à escola ou ao médico, entre tantas outras atividades - que se expressam valores morais fundamentais e a que se dirige uma enorme energia emocional e psíquica. Essas ações de cuidado constituem arranjos domésticos e configurações de casas atravessadas por assimetrias relacionais, ou seja, diferenças nos arranjos também de cuidado.

Serviços públicos e privados de saúde

Nas pesquisas quantitativas é comum que os sistemas público e privado de saúde sejam considerados de maneira apartada, ou sendo comparados. O que constatamos é que as pessoas e as famílias na Maré recorrem tanto a serviços estatais e gratuitos oferecidos por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) quanto a serviços privados para exames, consultas médicas ou remédios. Essas combinações são complexas e mutáveis ao longo do tempo. Elas estão inseridas em arranjos coletivos.

Um dos principais fatores considerados pelas pessoas é a combinação entre a gravidade da doença ou do agravo em relação com a condição física mais geral do doente. Essa avaliação é uma das principais bases para determinar a urgência de uma ação: buscar serviços de emergência, visitar um especialista ou realizar um exame. Por sua vez, a urgência pode fazer com que se procure um serviço público ou privado. Se conjuga com essa escolha, evidentemente, a disponibilidade de dinheiro. Mas os recursos financeiros não estão em jogo apenas no pagamento de um serviço de saúde diretamente, mas também nos valores que tenham que ser gastos com transporte ou com o prejuízo que possa causar, por exemplo, o fechamento de um negócio, pois seu único responsável precisa acompanhar um parente doente em um atendimento.

Eu tive o acesso, até em relação à minha doença, [eu tive sintomas e eu não fui para hospital. Fui à Redes da Maré e fiz os exames lá que constatou a minha doença. [...]]⁹. A minha esposa consegue pagar o plano dela e do meu filho, eu auxilio também nesse pagamento, então eu acho que é um custo de 300 reais. Até agora, temos conseguido pagar. Com a confeitaria agora, ela pagava sozinha [...] agora eu a ajudo a pagar. [...]. Assim, os outros familiares, a mãe dela que é cardíaca, e ela é operada, então os hospitais suspenderam, como a minha mãe também tem alguns problemas de saúde, os hospitais interromperam o atendimento, então assim, elas tiveram que pagar consulta particular. O meu sogro também, ele veio a falecer, mas inclusive até a médica do próprio hospital, a gente teve que achar o endereço dela e fomos para ela fazer uma consulta particular para ele [...]. É que o SUS não estava atendendo, ela não estava trabalhando no SUS, então como ela era uma boa médica, a gente foi atrás dela [...]. Então assim, a gente teve um custo em relação a isso, porque os hospitais não estavam atendendo, isso tudo entra na questão econômica.

(Morador, 41 anos, dezembro de 2020).

8. Como reconhecimento da desproporcional sobrecarga de mulheres nas múltiplas funções de cuidado - remuneradas e não remuneradas - que incluem o trabalho doméstico, o cuidado de crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência se instituiu a Política Nacional de Cuidados foi instituída pela Lei nº 15.069, de 23 de dezembro de 2024, estabelecendo diretrizes para a organização de um sistema articulado de cuidados no país, com base na corresponsabilização entre Estado, famílias, comunidade e setor privado.

9. O entrevistado refere-se à testagem para COVID-19, e não a exames médicos clínicos. Durante a pandemia, a Redes da Maré, em articulação com serviços do SUS e parceiros institucionais, ofertou testagem gratuita, telemedicina e apoio ao isolamento domiciliar no território da Maré e em Manginhos, no âmbito do projeto Conexão Saúde.

Os planos de saúde privados têm um papel importante na vida dos moradores da Maré. Seus altos custos fazem com que nas famílias poucos membros contem com eles. As pessoas que os têm são escolhidas por serem consideradas as mais frágeis, por exemplo com condições crônicas que fazem com que precisem de atendimentos frequentes e custosos. Mesmo essas pessoas não deixam de usar vários serviços públicos, dependendo da ocasião.

A avaliação sobre a qualidade do atendimento também é um fator levado em consideração, evidentemente, e ela é feita por meio de um vasto repertório de experiências pessoais, de parentes e amigos e até mesmo de rumores de fonte indeterminada. O conhecimento sobre as opções disponíveis, a avaliação sobre pontos positivos e negativos do uso de cada serviço são determinantes na gestão cotidiana da saúde.

As avaliações - sobre a gravidade da doença, fragilidade da pessoa, disponibilidade de dinheiro e tempo, qualidade dos serviços - compõem estratégias complexas que precisam ser tanto mais elaboradas e repensadas quanto menor é a margem de escolhas que as pessoas têm. Em geral, cabe mais às mulheres que aos homens e às mulheres mais velhas que às mais novas tanto as responsabilidades práticas de levar ao médico e dar remédios, como a responsabilidade moral e emocional de tomar decisões que podem ser, literalmente, de vida ou morte.

A gente reza um pai nosso, pede para viver aqui, e aí pronto, entrega na mão de Deus e vai. Mulher não pode ficar doente não, nunca te falaram isso? Você lembra de ver sua mãe doente? Em cima da cama assim. A gente fica doente lavando louça, escorrendo o nariz, escorrendo e a gente fungando.

(Moradora, 29 anos, agosto de 2021).

A pesquisa mostrou que é impossível pensar os sistemas público e privado de maneira apartada e que não corresponde à experiência das pessoas uma avaliação global dos serviços de saúde públicos como ruins e os privados como bons, representação comum na sociedade de maneira geral. E isso se deve tanto a avaliações positivas sobre tipos de serviços, unidades de saúde e profissionais do sistema público considerados como melhores, mas também com avaliações negativas de serviços privados precários.

Cabe ressaltar ainda a concorrência entre o dinheiro usado para medicamentos e tratamentos de saúde e aquele destinado aos alimentos. Esses gastos são considerados ambos essenciais, propriamente vitais. Mas muitas pessoas, diante de limitações orçamentárias mais permanentes ou em situações de crise, precisam decidir o que priorizar. Temos relatos de diminuição da dose recomendada de remédios essenciais, escolha entre vários medicamentos necessários e, também, diminuição da quantidade ou da qualidade de comida em casa. **Pudemos identificar que as pessoas gerenciam seus recursos financeiros com base na classificação entre despesas essenciais ou supérfluas, urgentes ou adiáveis. Diante de situações de muita restrição, mesmo entre gastos essenciais é necessário fazer escolhas que colocam alimentação e tratamentos médicos como alternativas, ou seja, ou uma, ou outra.**

Eu levei ela no dentista aqui [privado], mas vou levar em outros dois. Para orçar para ver se consigo um pouco mais barato, mas é porque dá medo, quando não é para gente adulto, para criança eu fico com medo de fazerem alguma besteira. Vou ser bem sincera, é aquele negócio barato que o barato sai caro, sabe? Quando é para gente, tomo uma dipirona e espero passar, agora com criança eu fico com medo. Eu vou ter que ver porque[...] volta e meia quando ela

mastiga incomoda. Acho que inflama porque mordeu, magoou, aí fica assim uns dias ela reclamando. É na lateral. Era obturação. Caiu a obturação. [...] Eu não sei ainda o que eu vou fazer não, mas que vai ter que fazer, vai. Eu estou vendo agora, com a minha prima volta e meia tem essa disponibilidade de emprestar o cartão. Vou ver com ela, se ela consegue vir, e aí passa aqui para mim, parcela em três vezes. Mas ela me pediu pra esperar um pouquinho até mês que vem para ver se a gente consegue se organizar um pouquinho mais, entendeu? Esperou até agora, espera só mais um mês para ver se a gente consegue fazer, está meio que assim, a prioridade da casa no momento é o aluguel. No aluguel, a gente está aqui. Paga um, deixa um.

(Moradora, 29 anos, agosto de 2021).

Se em geral o tratamento das relações entre saúde, doença e alimentação está focado nos efeitos da comida no corpo, a pesquisa mostrou que essas relações são recíprocas e múltiplas.

Doenças crônicas e deficiências

Na fase da pesquisa desenvolvida durante o período mais crítico da pandemia a equipe estava muito atenta à maneira como as pessoas lidavam com a doença. Nossas interlocutoras falavam de terem adoecido, dos cuidados que tomavam para não se contaminar e da ansiedade pela chegada das vacinas. Mas o que chamou mais atenção é que eram as doenças crônicas e as deficiências, ou seja, as condições anteriores à pandemia e permanentes as que mais mobilizavam e preocupavam.

Isso se deu especialmente por causa da interrupção dos serviços de assistência e também das aulas para as crianças. Pessoas que vivem com HIV, diabéticos, hipertensos deixaram de ser acompanhados com a frequência habitual por conta das políticas de isolamento social. E várias das nossas interlocutoras relataram agravamento de condições de saúde que não tinham a ver com contaminação pelo vírus da COVID-19, mas pela falta de cuidados com as doenças pré-existentes.

Crianças neurodivergentes e com deficiência que contavam com algum tipo de apoio e assistência durante o horário escolar passaram a estar constantemente sob cuidados no espaço doméstico. Além da necessidade do tempo de uma cuidadora, essa presença exigia também adaptações das famílias em relação ao uso dos espaços da casa, por exemplo. Algumas pessoas relataram pioras significativas nas condições físicas e psíquicas dessas crianças e adolescentes.

O meu é a questão da depressão, mas estou me tratando, pelo menos por enquanto, estou conseguindo manter. O psicólogo que está me atendendo, ele até começou a trabalhar presencialmente, acho que tem duas semanas, mas ele ainda está me atendendo. Não sei até quando e não sei até quando eu vou conseguir pagar. Mas, estou fazendo tratamento, está sendo muito bom para mim, porque é um tempo que eu tenho para mim, a terapia. Porque fora disso eu não tenho muito tempo para mim, como eu te falei, sou eu e meu filho [que é autista] o tempo inteiro. Então o fato dele não ir para escola, embora a escola também tivesse outras responsabilidades que eu também tenho que fazer, mas era um período que eu tinha para trabalhar, para estudar, para fazer o que eu precisava, em casa, na rua. Mas agora é muito difícil, então o tempo da terapia é o tempo que eu estou tentando educar ele a me dar esse tempo.

(Moradora, 47 anos, março de 2021).

Em um quadro geral, a pesquisa mostrou que o que causou mais sofrimento físico e emocional não foi a COVID-19 em si, mas as consequências da interrupção ou diminuição dos serviços de assistência em saúde e outros, como das escolas, por conta das políticas de isolamento social. Muitas mães atribuíram agravamentos de sofrimento psíquico ou mesmo desencadeamento de crises à falta de convivência com outras crianças e de momentos de lazer ao ar livre.

Arranjos de cuidados

Os circuitos de dinheiro e de comida estão imbricados em práticas de cuidado que ajudam a conformar as configurações de casas. As relações de cuidado entre casas constituem arranjos que envolvem, principalmente, a circulação de pessoas. Quando acompanhamos os movimentos das pessoas que saem de casa para cuidar de outras, ou recebem nas suas casas pessoas de quem cuidam, algumas assimetrias são significativas.

Confirmamos na nossa pesquisa algo que há muito é apontado por cientistas sociais: a maior parte das atividades de cuidado ficam a cargo de mulheres. Isso envolve não apenas tempo e esforço físico, mas, de novo, custos emocionais e psíquicos. Durante a pandemia, várias de nossas interlocutoras falaram sobre o aumento da carga de cuidado com crianças e pessoas mais velhas ou adoecidas. Perguntamos a elas de quem cuidavam e a lista era grande. Mas algumas das nossas interlocutoras, quando questionamos sobre quem cuidava delas quando adoeciam, por exemplo, responderam que não podiam ficar doentes.

Mas as brutais diferenças de gênero nesse quesito podem ser ponderadas, por exemplo, pela quantidade de pessoas que se colocam como receptoras de cuidados, pelo tipo de cuidado que exigem e pelas condições materiais - econômicas e infraestruturais.

[Sobre quem cuida quando alguém adoecer] Aqui em casa sou eu. Eu já virei enfermeira já, sem querer já virei enfermeira. Não precisa nem de diploma. Quando era meu pai, eu fazia tudo porque ele ficava em cima de uma cama [...] Dava banho na cama, trocava a fralda, fazia tudo, comida, tudo. Meu esposo está sendo a mesma coisa. A única coisa ruim para mim que está sendo é que ele fica no segundo andar, e tudo eu resolvo no terceiro, porque no terceiro andar é a sala, a cozinha, o terraço. Aí eu fico sobe e desce, sobe e desce, sobe e desce. Eu é que faço tudo, comida, tudo, eu que faço tudo.

(Moradora, 50 anos, dezembro de 2020).

[Sobre quem cuida quando alguém adoecer] Euzinha. Não tem outra alternativa. Sou eu mesma. Até se eu ficar doente, eu que tenho que me cuidar.

(Moradora, 35 anos, agosto de 2021).

6.

Conclusões



Mostramos ao longo deste relatório como as desigualdades se inscrevem na vida das pessoas e no seu cotidiano, produzindo diferenças significativas nas capacidades de se lidar com dificuldades momentâneas ou de melhorar de vida. Mesmo morando no mesmo bairro, a Maré, tendo rendas parecidas ou morando em casas semelhantes, as pessoas podem ter vidas muito diferentes. Observamos essas dinâmicas das desigualdades através da modulação das economias domésticas e dos hábitos e circuitos alimentares, mostrando como ambas as dimensões da vida das pessoas se encontram mutuamente entrelaçadas com questões relativas ao cuidado e à saúde.

Uma conclusão geral da pesquisa aqui relatada indica que a densidade dos fluxos que constituem os arranjos relacionais não são função direta da necessidade. É comum que se tenha interpretado essas práticas de cuidado, circulação de dinheiro e comida como formas de “compensar” a falta de acesso a bens e serviços. Por essa lógica, quanto menores os recursos e maiores as necessidades não atendidas, maior seria a presença desses fluxos. **O que observamos é que o isolamento relativo está associado a condições sociais de maior fragilidade. Isso sugere que a menor presença de laços sociais, sejam eles familiares, comunitários ou institucionais é, ao mesmo tempo, resultado e causa de condições mais precárias de vida.**

Surge, então, uma indicação sobre as políticas públicas a serem desenvolvidas em territórios como o do Conjunto de Favelas da Maré: **promover ações que apoiem a criação de laços e relações institucionais e territoriais que fortaleçam a rede de apoio das pessoas e famílias com menor intensidade relacional.**

Identificamos **três fatores** nos arranjos relacionais que produzem diferenças significativas na vida dos moradores da Maré. **O primeiro é a dimensão geracional dos arranjos.** A presença ou ausência, e o número de crianças em uma casa ou em um arranjo produz exigências diferentes de cuidado, que, como demonstramos acima, são cruciais nas configurações de casa e também nos negócios e empreendimentos. Destacamos também a centralidade das avós que, além de terem muitas vezes duas ou três gerações sob seu cuidado, são comumente fonte de dinheiro certo quando recebem aposentadorias ou pensões.

A segunda dimensão se refere aos arranjos de fontes de renda, combinando o dinheiro certo de empregos assalariados ou de aposentadorias com o dinheiro variável de bicos, empreendimentos e negócios, maior a resiliência das casas e das configurações de casas. Ao contrário, configurações com menos combinações de fontes de renda se apresentam como mais frágeis e expostas a maiores crises e sofrimentos. Em todos os casos, o olhar deve transbordar as pessoas individuais e os domicílios, para compreender arranjos relacionais.

O terceiro fator são os arranjos territoriais proximidades e distâncias e, também, o acesso aos meios de locomoção necessários para percorrer territórios de escalas diferentes, o que envolve meios financeiros e acesso a transportes que são, também, distribuídos de forma desigual entre as pessoas. A distância física por vezes é modulada por fronteiras invisíveis produzidas por dinâmicas de violência no território, pela possibilidade de incursões policiais, mas também por infraestruturas precárias e limitações de acessibilidade. Proximidades ou afastamentos relativos envolvem hábitos alimentares diferenciados, capacidades desiguais de se alimentar e de se aprovisionar e também diferentes possibilidades de compor rendas variadas.

Essas dinâmicas se revelam por meio de um olhar sistêmico sobre os fluxos de pessoas, dinheiro e comida entre as casas, e da identificação dos arranjos que se constituem a partir deles.

Essa abordagem dialoga criticamente com aquelas que são majoritárias na construção e avaliação de políticas públicas, que consideram indivíduos e residências como unidades encerradas nelas mesmas. Ou que reduzem as diferenças sociais, por exemplo, aos níveis de renda (que são sempre muito difíceis de acessar estatisticamente, pois envolvem dimensões íntimas da vida das pessoas e das famílias).

Essas visões exprimem algumas das razões pelas quais as políticas falham: porque o olhar é reducionista demais. É claro que a exigência de criar dados agregados em grande escala, a busca por garantir isonomia e tornar possível o desenvolvimento de ações em territórios muito diversos, exige reduções e abstrações. Mas é preciso reconhecer também a existência dessas limitações e não atribuir fracassos de políticas públicas, como é comum, às próprias pessoas que se pretende “beneficiar” ou “assistir”. Trata-se, evidentemente, de um problema político que se expressa dessa maneira.

É por isso que a produção de novas formas de conhecer e interpretar as dinâmicas sociais são demanda não apenas de incremento no conhecimento, mas uma forma poderosa de enfrentar os fundamentos de argumentos que, no fundo, contribuem para manter ou aumentar as enormes desigualdades que atravessam territórios como o do Conjunto de Favelas da Maré, a cidade e o país. Produzir conhecimento de maneira ao mesmo tempo criativa, rigorosa e nuançada, considerando de forma central o ponto de vista das pessoas sobre a marcha das suas vidas coletivas é um caminho neste sentido necessário. Ele se potencializa ainda, como mostramos nesta experiência de pesquisa, através da sinergia entre a experiência cotidiana de incidência no território e a capacidade da universidade pública de colocar realidades diversas em perspectiva, suscitando assim intervenções nas disputas sobre a definição dos problemas coletivos prementes e as modalidades de enfrentá-los.

3. fatores nos arranjos que influenciam a vida dos moradores da Maré



1. Arranjos geracionais

A presença, a ausência e o número de crianças em casa influenciam as exigências de cuidado no cotidiano.



2. Arranjos de fontes de renda

A combinação entre renda fixa e renda variável fortalece as casas; menos fontes de renda aumentam a vulnerabilidade.



3. Arranjos territoriais

Proximidades, distâncias e acesso à mobilidade moldam o cotidiano, o acesso a oportunidades e as possibilidades de renda.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia Alimentar para a População Brasileira: promovendo a alimentação adequada e saudável. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA: tabela de variação de preços no período da pandemia de COVID-19 (2020–2022). Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017–2018: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

MUSEU DA MARÉ. Arquivo Dona Orosina Vieira. Disponível em: <https://www.museumare.org/arquivo>. Acesso em: 22 dez. 2026.

NÓBREGA, L. et al. Memória e Identidade dos Moradores da Nova Holanda. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2012.

O GLOBO. Comer pesa cada vez mais no bolso: famílias mais pobres já gastam 22% da renda com alimentação. Rio de Janeiro, 24 fev. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2025/02/24/comer-pesa-cada-vez-mais-no-bolso-familias-mais-pobres-ja-gastam-22percent-da-renda-com-alimentacao.ghtml>. Acesso em: 22 dez. 2026.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (REDE PENSSAN). Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil. Rio de Janeiro: Rede PENSSAN, 2021.

REDES DA MARÉ. Censo de Empreendimentos da Maré: perfil socioeconômico dos empreendedores locais. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2014.

REDES DA MARÉ. Guia de Ruas da Maré 2014. Rio de Janeiro: Redes da Maré; Observatório de Favelas, 2014.

REDES DA MARÉ. Maré diz NÃO ao Coronavírus: a jornada da Redes da Maré por saúde e direitos no meio da pandemia. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

Realização:

re^{da}desmaré

NuCEC Núcleo de Pesquisas
em Cultura e Economia

Apoio:

 **FAPERJ**
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

 **CNPq**